

O PROTESTANTISMO BRASILEIRO

Estudo de eclesiologia e de história social

(Continuação)

CAPÍTULO III

A ERA DAS MISSÕES ESTRANGEIRAS

Impossibilidade de uma Reforma puramente brasileira. A Reforma puramente brasileira, que se anunciava no início da propagação protestante e da qual o Pe. Conceição e Miguel Vieira Ferreira poderiam ser considerados precursores, não se realizou. Poder-se-ia dizer, até certo ponto, que os missionários estrangeiros não a auxiliaram — apesar da indiscutível boa vontade de um Blackford. Mas, o fato é que mesmo com esse apóio, ela não teria vingado. O estabelecimento no Brasil de um catolicismo reformado, que conservasse velhos hábitos religiosos e velhas instituições eclesiásticas e tudo o que não se mostrasse incompatível com as Sagradas Escrituras, teria necessitado da adesão, ou da cumplicidade ao menos, de uma grande parte do clero católico, do apóio decidido da política imperial e das boas graças dos meios intellectuais e progressistas. Ora, estas três condições não existiam.

O Pe. Conceição não fôra imitado nem mesmo compreendido pelo clero paulista, quando, não pretendendo de forma alguma romper com a Igreja, apenas se propunha à leitura da Bíblia aos seus paroquianos; o bispo de São Paulo, cuja atitude revela uma certa simpatia para com o Pe. Conceição, não acreditava poder mantê-lo no sacerdócio, aceitando aquela orientação que só agora as atuais Semanas Católicas da Bíblia julgaram compatível com a ortodoxia. Por conseguinte a aceitação benévola e mesmo interessada, que Conceição, já tornado pastor, encontrou entre alguns de seus antigos colegas, não fôra, mais do que episódica (1): nunca

(1). — Em 1886, o vigário de Sta. Isabel, encontrando-se com jovens propagandistas protestantes, recebeu-os muito cordialmente e um deles contava em carta: "Em muitas coisas concorda conosco; deseja muito ouvir o Pe. José Manoel pregar e disse-nos que a religião do Pe. José Manoel pouca diferença faz

conseguiu que qualquer deles se decidisse a seguir o seu exemplo e por fim já nem mesmo procurava convencê-los. De uma maneira mais geral, a influência ultramontana e "romana" do catolicismo europeu que se começava a fazer sentir, como prova a questão dos bispos de Olinda e do Pará, era contrária àquêlê estado de espírito de que Feijó se fizera representante e ao seu sonho de uma Reforma mais ou menos interna do catolicismo brasileiro.

Sem dúvida esta mesma questão dos bispos nos mostrava D. Pedro II à beira do cisma, como já acontecera antes com a Regência. Mas, como ao tempo de Kidder a questão tôda se orientasse no seu sentido político, uma vez satisfeito o regalismo do Imperador pelo recuo do cardeal Antonelli e a submissão do episcopado brasileiro, as autoridades brasileiras não pensaram mais senão na manutenção da paz religiosa que bem poderia ser para a Igreja católica, "uma paz de parasita, a paz do cemitério" (2), mas que teria o sentido de opor o respeito ao *status quo*, a todo ensaio de reforma e rejuvenescimento.

O sincretismo representado por um Miguel Vieira Ferreira, mistura de misticismo, de espiritualidade católica, de preocupações sociais e de liberalismo individualista, tão característico do espírito brasileiro, encontrou enfim a sua satisfação no positivismo religioso de Miguel Lemos e de Teixeira Mendes para aí atraindo momentaneamente uma grande parte desta *intelligentzia* que procurava uma reforma autóctone do catolicismo (3).

Richard Holden e a negação darbista da Igreja (4). Não haveria então nada a fazer? Seria necessário renunciar ao propósito de conduzir a Igreja brasileira ao Evangelho? Foi o que, dentre outros, acreditou o pastor escocês Richard Holden, um dos primeiros rivais de Kalley e seu compatriota. Ministro da Igreja anglicana, havia iniciado em 1860 uma obra de evangelização no Pará de onde, dada a oposi-

na dele". (R. C. Pereira, notas sobre Antônio Pedro Cerqueira Leite, in *O Estadante*, t. 1, 1912, pag. 21). Quando, em abril de 1872, os missionários presbiterianos foram realizar as suas sessões em Morj-Mirim, receberam a visita do velho vigário da cidade, o popular padre José. — Disse-lhes que era assinante da *Imprensa Evangélica* desde o início de suas publicações e que havia impedido os seus colaboradores de pregar contra os missionários, cuja presença, em sua paróquia merecia a sua aprovação. Tratava-se de um amigo do Pe. Conceição a quem hospedara em sua casa quando ele passara por Morj. Apresentou um de seus paroquianos, João Soares, ao Pe. Conceição, que se converteu e se tornou tão conhecido a ponto de seu nome ser dado a uma das ruas daquela cidade (homenagem que foi igualmente prestada ao Pe. José). (*Anais*, pag. 100).

(2). — Feliciano Trigueiro, *op. cit.*, pag. 260.

(3). — Senoo Augusto Comte contrário ao protestantismo, o positivismo brasileiro também o foi, pelo menos, como atitude teórica. Em 1880, o positivista Luiz Pereira Barreto manteve com o missionário Morton uma polémica no jornal a *Provincia de São Paulo*. Esses artigos foram reeditados na coleção *Positivismo e Teologia*, editada por Abílio Marques (São Paulo, 1880). Cf. Theodoro Lessa, *Anais*, pag. 184. Os positivistas nunca foram numerosos (no recenseamento de 1940 eram 1.059), mas sabe-se que exerceram sua influência nos primeiros tempos da República.

(4). — Sobre Richard Holden e os primórdios do darbismo no Brasil consultem-se: *Esboço Histórico da Igreja Fluminense*, pag. 116-118 e *Lembranças do Passado*, bem como os *Anais*, de Vicente Theodoro Lessa, especialmente a pag. 374.

ção do bispo foi obrigado a partir no ano seguinte para a Bahia. A doutrina e o ritualismo da sua Igreja teriam facilitado particularmente a adaptação da mentalidade religiosa do país àquela forma de protestantismo mais próxima do que qualquer outra aos hábitos brasileiros. Mesmo assim não obteve nenhum resultado apesar do auxílio do excelente propagandista, o espanhol Thomaz Gallart, e a partir de 1865 encontrámo-lo no Rio como agente de Sociedades Bíblicas e colaborador do Dr. Kailey, a quem substituiu por algum tempo na direção da Igreja Fluminense durante a ausência de seu fundador.

Esta passagem da mais institucional de todas as Igrejas protestantes a uma destas comunidades "congregacionalistas", que reduzem a Igreja às dimensões de paróquia e pretendem que ela seja o menos organizada possível, se completou muito naturalmente pela adesão do Rev. Holden ao sistema que o inglês John Darby difundia, a esse tempo, em todo o mundo protestante.

Também ele, Darby, era um antigo ministro anglicano e foi a partir do institucionalismo de sua denominação e mais do espetáculo das querelas eclesiásticas que se sentiu levado a declarar que a Igreja logo após aos tempos apostólicos havia perdido o seu caráter de dispensação divina. Proclamando a "ruína da Igreja" e por conseguinte a ilegitimidade de toda Igreja, protestante ou católica, Darby não admitia mais do que a evangelização individual sem outra organização que simples grupos sem pastores.

A adesão de Richard Holden ao darbismo, por volta de 1870, foi o caminho pelo qual aquelas idéias se difundiram na Igreja Evangélica Fluminense, que ele logo abandonou. Esta influência aparecerá mais tarde em outras denominações, e para só nos referirmos ao Estado de São Paulo, citemos a adesão ao darbismo de um dos promotores do presbiterianismo, na região de Agudos (5) e a crise profunda que um negro da Jamaica, de nome William Douglin, pregador do darbismo provocou no início deste século nas Igrejas presbiterianas de Santa Cruz e Santa Bárbara do Rio Pardo (5).

As missões estrangeiras e seus missionários protestantes que a impossibilidade de uma reforma autóctone atraiu a esta espécie de nihilismo eclesiástico. Aliás, a maior parte deles nunca contaram muito com o êxito de uma tal reforma para dela esperar demasiado. Ao contrário, era da pregação de suas próprias doutrinas e de seus métodos confessionais anglo-saxões que esperavam a "conversão ao Evangelho" das populações que, brutalmente, consideravam não

(5). — Jornal O^o Estaduário de 7-1-1943, pág. 52.

(6). — Themudo Lessa, *Anais*, pág. 243. A História dos Batistas refere-se também às importantes conquistas que o darbismo fez nas Igrejas batistas do Espírito Santo. Existem ainda comunidades darbistas no Brasil, em que trabalham os missionários da "Christian Mission in Many Lands", que é a expressão desta tendência (cf. Pe. Rossi, *Directorio Protestante*, pág. 92).

cristãs. As diferentes Igrejas protestantes enviavam missões aos pagãos: enviaram-nas também ao Brasil. Assim é que para só falar das mais importantes, instalaram-se ao lado da obra congregacionalista da Igreja Fluminense e da primeira Missão Presbiteriana em 1867, a Missão Metodista Episcopal, em 1870, a Missão Presbiteriana dos Estados Unidos do Sul, em 1871, a Missão Batista, em 1881, a Missão Episcopal, em 1890, sem esquecer ainda a "Help for Brazil", congregacionalista, em 1893.

As três primeiras destas novas Missões datam da Guerra de Secessão que acabava de castigar os Estados Unidos de 1861 a 1865. A história geral não dará nunca a importância devida a este conflito, que não foi propriamente uma guerra civil, mas a oposição de duas civilizações e de duas concepções de vida, com o triunfo implacável de uma sobre outra, e de conseqüências infinitas para o futuro do mundo. Nem tôdas elas foram nefastas e o Brasil, especialmente, deve uma parte de seu desenvolvimento à imigração de Sulistas que, ante a invasão dos *carpett-baggers* (7) da "Reconstruction", abandonaram uma pátria violada e escravizada. É bem significativo o fato de, ao se fazer, recentemente, a história de um grande paulista e de toda uma região do Estado de São Paulo, ter-se compreendido que ela não seria possível sem se consagrarem numerosas páginas a esta imigração que deu importância especial à região de Santa Bárbara d'Oeste (8).

Por outro lado, do ponto de vista da história religiosa, uma de suas lições mais certas e uma de suas contribuições mais úteis à teologia surge da observação de circunstâncias bastante humanas e muitas vêzes pouco edificantes que presidem ao nascimento de movimentos espirituais poderosos. É essa pelo menos a visão calvinista da história, na qual se opõe à fraqueza e à indignidade dos obreiros, a grandiosidade da obra realizada, evidenciando, desse modo, a necessidade de um colaborador divino. Nem o escravismo do Sul, nem a ávida cobiça do Norte dos Estados Unidos eram atitudes louváveis: entretanto, foram atitudes que concorreram para a obra missionária protestante no Brasil. Desde 1895, o Comité das Igrejas Batistas do Sul dos Estados Unidos havia apoiado o projeto de abertura de um trabalho de evangelização sob a "Cruz do Sul", argumentando que "O Brasil tem escravos, e os missionários pela Convenção Batista do Sul não podiam sentir-se constrangidos a combater a escravatura" (9). Após a derrota dos Confederados um grande número deles emigrou para o Brasil. Numa lista, certamente incompleta (10) encontramos a enume-

(7). — Os sulistas assim chamavam aos inimigos do norte, que, levando-lhes toda a fortuna, se enriqueceram às suas custas. (Nota do Tradutor).

(8). — Alfredo Ellis Jr., *Um parlamentar Paulista da República* (São Paulo, 1859), pág. 26-44.

(9). — Crabtree e Mesquita, *História dos Batistas no Brasil*, t. 1, pág. 27. © Rev. J. Bowen, enviado ao Brasil, logo regressou.

(10). — Alfredo Ellis Jr., *op. cit.* 41-44.

ração de uma centena de famílias, apenas na província de São Paulo, fixadas quase tôdas em Santa Bárbara d'Oeste e seus arredores, ali fundando a vila que recebeu, em sua homenagem, o nome de Americana. Ao contrário do que superficialmente se acredita, fazendo-se dos Sulistas anglicanos que pela sua filiação religiosa e seus interesses econômicos se opunham aos *dissenters* (11) do Norte, estes fugitivos eram, em sua maioria, presbiterianos, metodistas e batistas. Entre eles se encontravam vários pastores destas denominações. A Igreja presbiteriana do Sul ali estava representada pelos Reverendos W. C. Emerson, J. P. Baird, e pelo antigo capelão militar Dabney. Atendendo a pedido d'este último, a Assembléia Geral de sua Igreja enviou ao Brasil os Reverendos G. N. Norton e Edward Lane que fundaram, em 26 de junho de 1870 uma comunidade em Santa Bárbara e em 10 de julho outra em Campinas (12). No mês de agosto, organizava-se em Sta. Bárbara a Igreja Metodista Episcopal sob a orientação do Rev. Junius E. Newmann, que se refugiou no Brasil em 1866 e que, deixando o Rio, viera residir em Saltinho, entre Limeira e Americana; essa pequena comunidade religiosa contava então apenas nove membros (êle e sua espôsa, mais três casais e a filha de um deles) (13). Em 10 de setembro, também os batistas, enfim, organizaram a sua pequena Igreja (14). Já era muito, afinal, três capelas para um grupo de refugiados assim pequeno. Foi com muita dificuldade que conseguiram mantê-las sem procurar com muita insistência atrair para elas os brasileiros, no que aliás imitavam os membros de tôdas as colônias estrangeiras (15). Embora estes núcleos, como igrejas locais, não se demonstrassem muito preocupados com a evangelização do país, alguns de seus membros conseguiram fazer com que as denominações respectivas, de que eram representantes, dos Estados do Sul se interessassem por elas. Assim aconteceu com os presbiterianos e com os metodistas. Dentre

(11). — Nome dado aos cristãos da Inglaterra não pertencentes à Igreja Anglicana. (Nota do tradutor).

(12). — *Anais*, págs. 75, 76, 355, 356. Foi então que o Rev. Morton fundou em Campinas o seu Colégio Internacional, de que falaremos mais adiante.

(13). — *Anais*, pág. 146; Kennedy, *Cincoenta annos de Metodismo do Brasil*, pág. 16.

(14). — Crabtree e Mesquita, *História dos Batistas no Brasil*, t. I, pág. 39-41. Nos *Anais*, a data desta fundação é 10 de agosto, e o número de membros 23, conforme se encontra no *Jornal Batista* de 21-12-1908.

(15). — A *História dos Batistas no Brasil* dá-nos alguns nomes de leigos anglo-saxões que contribuíram para a causa da evangelização: os Ellis, de Santa Bárbara (sem relação alguma com a família do fazendeiro e homem político paulista, de nome igual), o comerciante Merivether "um dos raros negociantes no estrangeiro que não se esqueceu de suas responsabilidades de cristão" (t. I, pág. 256); um inglês, superintendente da Estrada de Ferro de São Paulo a Santos, Mr. Christiansen, que abriu sua casa no Alto da Serra aos cultos batistas (pág. 306). Bem característico do estado de espirito destas colônias estrangeiras, é o que nos conta J. C. Alves de Lima, em suas *Recordações*, já citadas (oug. 251). Um velho coronel sulista de Americana solicitou a uma autoridade do seu país êstes dois favores: "Primeiramente um correcticio contra o curuqueré que periodicamente devastava as nossas plantações de algodão, do dia para a noite. E quanto ao segundo não achará o amigo um meio de suprimir êsses ministros protestantes, que procuram sempre dividir-nos quando somos aqui tão poucos?"

êstes, o Rev. Newmann, extremamente ativo conseguiu mesmo que se enviasse o missionário J. J. Ranson. Dentre os batistas, enfim, houve um verdadeiro apóstolo que se revelou na pessoa de um dos colaboradores de Lee, o general A. T. Hawthorne. Este personagem extraordinário havia criado, com o apóio do Imperador e com tôdas as honras oficiais uma segunda colônia sulista no vale do Jequitinhonha, 200 kms. ao sul da Bahia. De volta aos Estados Unidos e reavivado em sua piedade por um luto de família, consagrou-se à causa de evangelização do Brasil: em 1881 conseguiu que embarcasse para o Brasil uma família de missionários, os Bagby, e em 1882 outra, os Taylor; e quando morreu em 1899 já havia feito partir para o Brasil 15 missionários e por êles feito batizar no Brasil 1500 pessoas (16).

Êstes missionários sulistas conservaram-se por muito tempo fiéis à lembrança de sua causa nacional. Diz-se de uma das missionárias da Missão de Nashville, fundadora de um grande colégio, Miss Charlotte Kemper, que ela se inspirava no exemplo de Stonewall Jackson, um dos heróis dos Confederados: "Ele não se rendeu, Miss Charlotte também não se renderá..." (17). Um outro dêstes missionários sulistas se havia conservado tão firme em suas convicções que, quando em 1886, o pastor brasileiro Eduardo Carlos Pereira publicou uma brochura em favor da abolição da escravidão, êle escreveu um verdadeiro tratado anti-abolicionista, ou se quisermos, escravagista (18). Diga-se mais que êstes agentes do Comité de Nashville se mostraram muito mais compreensivos que os Nortistas com relação aos presbiterianos brasileiros que, por sua vez, procuravam tirar partido destas oposições entre as "Igrejas-Mães".

Além dêstes missionários, outros foram enviados, alguns anos mais tarde, pelas Missões episcopais e congregacionalistas. A primeira, mais propriamente a *American Church Missionary Society*, enviou ao Brasil, após a proclamação da República, os Reverendos Lucien Lee Kensolving e James Watson Morris que organizaram em 1 de junho de 1890, uma igreja episcopal em Pôrto Alegre. Os presbiterianos já haviam aberto um campo de trabalho no Rio Grande do Sul, mas o abandonaram aos recém-chegados, em 1891, e já em 1892 um pastor episcopal brasileiro fundava uma nova

(16). — *História dos Batistas no Brasil*, t. 1, pág. 41-43.

(17). — Margarida Sydenstricker, *Carlota Kemper*. Citemos esta passagem bem característica: Após a derrota, em Richmond, onde morava toda a família (seu pai e três filhos haviam participado da luta), "um oficial superior de um regimento de Nova York, encaixotou o piano de Carlota e o enviou à sua esposa, em Elmira, sem contar a prataria e outros pertences. Não gostava que se falasse de Abraham Lincoln, em sua presença, muito embora reconhecesse nele traços de grandeza. Jamais o colocaria no mesmo pedestal de Lee e Washington. Acreditava que Lincoln só se tornara um herói por conta de sua morte violenta, o que, aliás, lamentava". Lembrar tais acontecimentos setenta e cinco anos após a luta, e para leitores estrangeiros, é muito significativo. (Esta obra foi traduzida para o português pelo Rev. Jorge Goulart, São Paulo, 1941).

(18). — *Anais*, pág. 232 e 265.

Igreja desta denominação em Rio dos Sinos (19). Caso curioso é o da Missão congregacionalista *Help for Brazil*. Enquanto para as outras denominações, as comunidades brasileiras eram fundadas pelas Missões estrangeiras, aqui é a Igreja brasileira que cria a Missão estrangeira. Esta missão, de fato, foi organizada em 1892, em Edimburgo, pela viúva do Dr. Kalley que, de volta do Brasil, na Escócia quis dessa forma sustentar a obra criada pelo seu marido. Fêz com que partisse logo para o Brasil um primeiro missionário inglês, o Rev. H. J. Mc Call (20). A Igreja Fluminense e os congregacionalistas brasileiros poderiam receber este auxílio estrangeiro com o mesmo espírito com que eles próprios haviam fundado uma "Sociedade de Evangelização do Rio de Janeiro" com ação tanto no âmbito nacional como estrangeiro, o que bem demonstra o nome que recebeu posteriormente "Missão Evangelizadora do Brasil e de Portugal" (21).

Ao total, o número de missionários estrangeiros que vieram ao Brasil nos últimos trinta anos daquele século foi relativamente considerável. Mas as perdas que eles aqui sofreram pela fadiga, por moléstias e especialmente pela febre amarela, foram muito grandes: Assim morreram, em 1873, após um mês apenas de estada no Brasil, e não havendo pregado mais que quatro sermões somente, o Rev. Bowers, congregacionalista; em 1879, a espôsa do Rev. Blackford; em 1886, o Rev. Koger, metodista com apenas trinta e cinco anos; em 1888, Mrs. Anna Bagby, espôsa do fundador da Missão batista; em 1889, o Rev. George W. Thompson, com apenas vinte e seis anos; em 1890, com trinta e quatro anos, o Rev. J. W. Dabney; em 1891 a jovem espôsa do Rev. Carrington vinda ao Brasil dois anos antes em viagem de núpcias e mais a missionária professora Miss Cunningham (presbiterianos todos estes); em 1892, as espôsas dos missionários batistas Taylor e Ginsburg e três presbiterianos: o Rev. E. M. Pinkerton, aos trinta e um anos, o velho Rev. Morton e o Rev. Edward Lane; 1899, um filho e uma filha do missionário presbiteriano Chamberlain e o Rev. C. D. Macarthy, batista; em 1903 o Rev. Charles Read Morton, o último dos missionários, presbiterianos mortos pela febre amarela; em 1904 o Rev. Jeft Hamilton, batista (22). Ao julgamos a obra dos missionários no Brasil, não podemos esquecer-nos destes pesados sacrifícios. Não foi uma obra fácil e de maneira alguma repousante. Além do que acresciam ainda as dificuldades de uma

(19). — *Ibidem*, pág. 373 e 409. Ribeiro, *Origens do protestantismo brasileiro*, pág. 83.

(20). — *Esbôço Histórico da Igreja Fluminense*, pág. 280.

(21). — *Ibidem*, pág. 350.

(22). — Na biografia, já citada, de Carlota Kemper, pág. 29-30, encontram-se dados sobre a febre amarela em Campinas nos anos de 1891 e seguintes, aos quais se podem acrescentar indicações constantes da biografia de uma grande educadora católica, uma religiosa francesa, *Madre Maria Teodora Volron*, por Olivia Sebastiana Silva (São Paulo, 1948) pág. 229 e seguintes.

nova língua que muitos dêles não chegaram nunca a dominar (23), a diferença de costumes (24), as extenuantes viagens a cavalo em campos de evangelização tão vastos como vários estados europeus, para não se falar das avanças, humilhações e sevícias por parte de populações fanatizadas (25).

A maior parte dêstes missionários eram vocações seguras, pois — exceptuado um certo número de batistas, muito jovens, enviados ao Brasil pelo Comité de Richmond e que logo se foram de volta (embora o chefe de sua Missão, o Rev. Bagby aqui permanecesse 54 anos, e como êle, sua espôsa) (26), — o tempo que aqui passaram foi quase sempre muito grande e muitas vêzes tôda a sua carreira missionária se passou sob o Cruzeiro do Sul. Homens instruídos (27), competentes muitas vêzes em assuntos bem distantes da teologia, êles puderam muitas vêzes completar e estender o seu trabalho de evangelização com a fundação de escolas e com um apcstolado médico que aumentava o seu prestígio junto às populações (28).

(23). — V. Themudo Lessa, *Anais*, pág. 344, a propósito do Rev. Thomas Jackson Porter. Os fideis se divertiam com as dificuldades de seus missionários, segundo nos conta o Rev. Manoel de Arruda Camargo que, sob o pseudônimo de "Christiano Brasiliense", escreveu uma coleção de "histórias protestantes", *Risum teneatis*, (São Paulo, 1927). Por outro lado, na obra de d. Maria de Melo Chaves, *Bandeirantes da Fé*, encontram-se observações interessantes sobre a correção de linguagem do missionário Alva Hardie.

(24). — Sobre este assunto consultem-se: *Risum teneatis*, e *Bandeirantes da Fé*, e mais as narrações dos missionários a que nos referimos em nossa bibliografia.

(25). — John Mein, *A causa batista em Alagoas*, (Recife, 1929).

(26). — Chegado ao Brasil, como dissemos, em 1881, só voltou para a sua pátria em 1955, onde morreu. Esta longa carreira de evangelização na Bahia e no Rio, e de direção da obra missionária batista, se explica por uma hygiene de trabalho que não foi comum a todos os missionários. "Os outros, diz-nos a *História dos Batistas*, t. I, pág. 265, se sacrificavam demais em seu trabalho; mas êle sabia ter cuidado com sua saúde demonstrando sempre um interesse paternal pela saúde dos outros". Foi esta, certamente, a razão do regresso dos seus jovens colaboradores que lhe pareceram mal adaptados. Esta sabedoria de vida não impediu Bagby, que "desde o dia em que chegou ao Brasil teve a visão de evangelizar todo o país, e nunca perdeu essa visão", de desenvolver vasta obra missionária. Ao contrário, nenhum missionário batista abriu mais campos missionários para o Comité de Richmond, e todos êstes pontos foram estrategicamente escolhidos.

(27). — Já tivemos, e ainda teremos ocasião de falar dos Morton, dos Boyle e dos Gamon que, apesar de uma tarefa sobrehumana, encontraram tempo para a vida do pensamento e para a ciência. Citemos mais o missionário batista W. H. Entzinger. Nascido na Carolina do Sul, em 1859, convertido aos 12 anos, consagrou-se ao ministério aos 20 anos, levando os seus estudos até ao doutoramento em teologia, no Southern Baptist Theological Seminary de Louisville (Kentucky). Em 1891 veio para o Brasil onde foi vítima de várias moléstias: malária, febre amarela, e até mesmo lepra, em 1905, de que conseguiu curar-se. Nem por isso a sua obra de evangelização foi menos extensa: fundou várias Igrejas em Pernambuco e no Estado do Rio. Entregou-se a um grande trabalho de publicações e colecionou varios cânticos de sua denominação que constituíram o *Cantor Cristão*; em 1900 tomou a direção da Casa Editora Batista fazendo do *Jornal Batista* um dos melhores jornais do protestantismo brasileiro (*História dos Batistas*, t. I, págs. 95-96, 142).

(28). — Vejamos algumas notas sobre alguns missionários presbiterianos que, embora não sendo todos dentre os mais conhecidos representam bem o corpo a que pertenciam. (Notas tomadas dos *Anais*, de Themudo Lessa).

Edward Lane, nascido na Escócia, em 1837, e educado nos Estados Unidos, veio para o Brasil em 1869, onde abriu trabalhos de evangelização em Itapira, Mogi-Mirim, São João da Boa Vista, etc., fundando, em 1887, o *Púlpito Evan-*

Os colaboradores dos missionários, diretores dos campos de evangelização, os únicos que mantinham ligações diretas com as Igrejas-Mães e únicos detentores dos fundos que elas enviavam, formaram, nos próprios locais de evangelização, grupos de colaboradores que, algumas vezes, foram elevados ao mesmo título, às mesmas funções e às mesmas prerrogativas. Eram de tôdas as nacionalidades e podemos, dentre estes "obreiros", citar nomes inglêses (29), espanhóis (30), italianos (31), escandinavos (32), e até mesmo

gêlico. Iremos reencontrá-lo mais tarde como o sustentador das tendências nacionalistas dos pastores brasileiros. Morreu no Brasil onde sua família continuou a residir.

James Theodore Houston, nascido em 1847, chegou à Bahia em 1877. Depois de passar algum tempo no Norte veio para o Rio, onde ficou até 1885, regressando então para os Estados Unidos; voltou ao Brasil em 1900, para Florianópolis, onde ficou até 1902 quando regressou definitivamente para os Estados Unidos, morrendo em 1929.

Robert Lenington iniciou o seu trabalho em 1876 na região do Rio (Cachoeira); de 1877 a 1881 trabalhou na Bahia; de 1881 a 1882, em Rio Claro; de 1882 a 1884, em São Paulo onde prestou serviços à escola Americana e à *Imprensa Evangélica*; de 1884 a 1886, no Paraná; voltou para os Estados Unidos onde trabalhou entre os portugueses de Illinois até a sua morte, em 1903.

John Boyle, nascido em 1845 e chegado ao Brasil em 1874, aqui trabalhou especialmente em Recife, Campinas, Mogi-Mirim e Bagagem (Estrêla do Sul); publicou o jornal o *Evangélista* e uma grande coleção de *Hinos Evangélicos*; morreu a testa da Igreja de Bagagem, em 1892. Nós o encontraremos adiante como amigo de Eduardo Carlos Pereira.

William Mc Quarr Thompson, nascido em Virgínia em 1864; veio para o Brasil logo que foi ordenado pastor, em 1890, fixando-se em S. Luiz do Maranhão; de 1896 a 1902 esteve em Caxias, e a seguir em Belém, Manaus e finalmente em Garanhuns; levou o seu campo missionário até Barra do Corda, Solimões e Terezina.

Horácio Selden Allyn, nascido em 1859 em Michigan, diplomado em medicina e em teologia; chegou ao Brasil em 1896; trabalhou na obra de evangelização de Minas do mesmo tempo que exercia a medicina; foi professor do ginásio presbiteriano de Lavras e fundou o Colégio de Virgínia e o Retiro Evangélico de Caxambu tendo sido, também, diretor da Casa Publicadora Presbiteriana. Morreu em 1931.

(29). — Especialmente William D. Pitt, a quem já nos referimos como colaborador do Dr. Kalley, no Rio, bem como dos primeiros missionários presbiterianos em São Paulo. Ordenado pastor por estes missionários morreu logo mais, em 1870, aos quarenta anos de idade. *Anais*, pág. 80-91.

(30). — Thomaz Gallart, um dos propagandistas do evangelho, já citado, no lado do Rev. Holden, em Belém, converteu-se em 1861, ouvindo as prédicas do Dr. Kalley. Trabalhador infatigável, desenvolveu suas atividades por toda a costa brasileira, desde os rios da Amazônia ao Rio Grande do Sul, morrendo em 1876 (*Anais*, pág. 374). O seu compatriota Baldomero Esteves Garcia foi ordenado pastor presbiteriano em 1902, permanecendo por vinte anos no ministério; dificuldades eclesiásticas, entretanto, reduziram-no a um funcionário em São Paulo (*ibid.*, pág. 634).

(31). — Francisco Lotufo, de Cosenza, tornou-se pastor presbiteriano em 1896; Giulio Sanguinetti, em 1903. A história de Giulio Sanguinetti é bem característica: nascido em Cagliari em 1854, pertencente à família de alta sociedade, iniciou os estudos de seminarista e depois de engenharia. Casou-se civilmente em 1876, conheceu o protestantismo em Rivoli e Génova, vindo para o Brasil em 1891, fixando-se em São Paulo, onde fez a sua profissão de fé, em 1895, na Igreja metodista, tornando-se pastor de uma comunidade italiana. Posteriormente passou para a Igreja Presbiteriana, onde foi ordenado pastor em 1903, morrendo em 1925 (Apêndices às Atas da Assembléa Geral Presbiteriana de 1926).

(32). — Joseph Aden, sueco, foi missionário batista em Maceió em 1894 e 1895. Citam-se ainda, Mein e seu compatriota Gresenberg que trabalhou como pastor batista em 1912, no Estado de São Paulo, onde fundou várias Igrejas no norte do Estado, com os suecos Axel Anderson e J. Selleberg, especialmente a de Viradouro que, por curiosidade, nasceu de um grupo de batistas espanhóis (*História dos Batistas*, t. II, pág. 225). O dinamarquês André Jensen foi pas-

um mexicano (33), e um judeu russo (34). Dentre eles os portugueses foram particularmente numerosos, por circunstâncias já mencionadas (35). Mas este corpo de auxiliares logo se "abrasileirou", seguindo o ritmo acelerado que logo mais indicaremos, no que se refere às comunidades e aos fiéis.

Os títulos que se lhes davam não têm grande interesse senão na medida em que designavam funções separadas; mas, nem por isso, essas funções eram claramente distintas, na maior parte dos casos. Assim, por exemplo, os propagandistas não podiam difundir as Sagradas Escrituras sem comentá-las e dessa forma realizar o trabalho de verdadeiros evangelistas. Alguns destes precursores da propaganda protestante foram admiráveis pioneiros; já citamos Thomaz Gallart; a seu lado coloquemos Manoel José da Silva Viana que inaugurou a obra congregacionalista em Pernambuco e de quem um historiador local estranho às Igrejas da Reforma, escreveu: "Foi um apóstolo e quase um mártir! Se fôsse permitido, seu busto deveria ser colocado na entrada do templo" (de Recife) (36). Lamento não poder repetir aqui a linda história contada por Salomão Ginsburg (37) de um destes propagandistas que, percorrendo em sua obra evangelizadora a região de Campos (Rio de Janeiro) e repellido por todos foi finalmente acolhido pela pieda-

tor presbiteriano antes de passar ao serviço da Igreja luterana, e seu irmão, Otávio Jensen, igualmente pastor presbiteriano, esteve à testa de várias Igrejas como, por exemplo, de Rio Claro, de Brotas, de Boa Vista do Jacaré e de São Carlos, cidade em que ainda vive.

(33). — José Domingues, convertido ao protestantismo pela leitura de um folheto, foi consagrado pastor batista em 1893 pela Missão da Bahia; trabalhou em Santo Antônio, Vargem Grande e Alagoinhas (*Idibem*, t. 1, pág. 9-93).

(34). — Trata-se do famoso Salomão Ginsburg, a quem várias vezes nos referiremos neste trabalho. Russo de nascimento e filho de um rabino, aos dezesseis anos foi enviado à Alemanha a fim de estudar a arte do comércio. Lá, lendo a Bíblia, converteu-se. Fez seus estudos na Inglaterra, no "Grattan Guinness College" que o enviou ao Brasil como missionário "interdenominacional"; aqui serviu à obra congregacionalista no Rio e na Bahia, passando posteriormente à obra batista, sendo consagrado pastor batista em 1891 e aceito como missionário pelo Comitê de Richmond do qual se tornou um dos agentes mais ativos e combativos (*Historia dos Batistas*, t. 1, pág. 89). Um judeu errante no Brasil, obra já citada, é a sua autobiografia.

(35). — Vários destes pastores portugueses eram da ilha da Madeira e foram convertidos pelo Dr. Kulley. Assim, por exemplo, João Fernandes Dagama (1830-1896) de quem voltaremos a falar; Emanuel R. Pires (1838-1896) que fez seus estudos no Hanover College, em Princeton, vindo para São Paulo como missionário presbiteriano em 1866. Desentendendo-se com seus colegas voltou para os Estados Unidos em 1869, onde dirigiu a Igreja portuguesa de Jacksonville (Florida) antes de partir, em 1890, para Honolulu onde fundou duas Igrejas para os seus compatriotas. Também, Manoel Antônio de Menezes, aluno do "Grattan Guinness College", de Londres, pastor da Igreja Presbiteriana de Lisboa, que organizou em 1882, foi finalmente pastor de várias comunidades presbiterianas no Brasil de 1886 a 1907. Era, em 1938 e já com 90 anos de idade, o decano da denominação presbiteriana no Brasil. Lembremos mais os nomes dos pastores presbiterianos: Carvalhosa, Torres, Trajano, e Neta Sobrinho de quem voltaremos a falar e dos pastores batistas Manoel de Souza e Silva e José Rodrigues Peixoto, morto em 1901.

(36). — Vicente Ferrer, *Seitas protestantes em Pernambuco*, citado por Vicente Themudo Lessa, *Anais*, pág. 195. Na *História dos Batistas do Brasil*, t. 1, pág. 173 e 268 encontram-se referências pormenorizadas sobre a atividade desenvolvida por estes propagandistas.

(37). — *Um judeu errante no Brasil*, pág. 112 e seguintes.

de de um fazendeiro. A êle deu uma Bíblia, e por essa Bíblia toda a sua família se converteu.

O trabalho de ensino religioso e de propaganda continuada, confiado nas Igrejas presbiterianas a evangelistas assalariados e a "presbíteros" escolhidos nas comunidades, nos casos em que simples fiéis particularmente zelosos não se encarregassem dêle, era, nas Igrejas batistas assumido por pastores eleitos a quem as outras denominações observavam algumas vêzes, um pouco sem caridade, a improvisação e a falta de cultura. "Ao primeiro passo da vida cristã os batistas o recebem como membro professo, e ao primeiro galope, o farão um pastor", dizia-se então. Conta-se mesmo que um ministro presbiteriano a quem se fazia o elogio de um de seus colegas batistas, respondeu: "Êle sabe ler?" A *História dos Batistas do Brasil* apresenta em defesa, a êsse respeito, circunstâncias atenuantes, procurando por outro lado evidenciar o magnífico trabalho realizado por êsses crentes sem preparação e muitas vêzes obrigados a ganhâr a sua vida em ofícios os mais modestos (38); ela poderia lembrar que ali existia uma tradição batista e que foram precisamente os "sapateiros inspirados" e, em particular, o ilustre William Carey, êle mesmo, sapateiro e pastor de uma pequena Igreja, que em fins do século XVIII deram início à grande era das Missões evangélicas entre os pagãos.

O ministério presbiteriano tinha um caráter muito diverso. Não era somente pela preparação tão cuidadosa quanto possível de seus pastores e pelo caráter mais "burguês" que a êle se imprimia, mas ainda por sua carreira unicamente sacerdotal e, pela própria natureza de suas funções. Salvo nas grandes cidades, em que o pastor tinha a seu cargo uma paróquia de dimensões limitadas e por conseguinte poderia encontrar tempo para uma profissão leiga, os ministros presbiterianos consagravam tôda a sua atividade a seus fiéis, ou pelo menos, à causa evangélica (pois, algumas vêzes, êles eram diretores de colégios protestantes, ou redatores de jornais religiosos). Estas circunstâncias os aproximavam dos ministros episcopais (que formavam, de certa forma, a aristocracia do corpo pastoral) (39) e de seus próprios missionários. Na verdade, êles

(38). — *História dos Batistas do Brasil*, t. I, pág. 248: "Alguns dos irmãos consagrados pelas Igrejas, evidentemente, tinham que abandonar o serviço pastoral depois de algum tempo, não evidenciando assim, os predicados de pastor. Seria fácil censurar a orientação do trabalho nesta época, se o historiador estivesse disposto a fazê-lo, mas considerando o trabalho árduo do missionário, suas muitas responsabilidades, seu amor e sacrifício pelo trabalho e o fato de os problemas surgirem principalmente do próprio progresso da Causa, não podemos afirmar que qualquer outra orientação tivesse logrado melhores resultados. É admirável o serviço de alguns dos pastores sem preparo e treinamento... Pouco podiam contribuir as Igrejas para o sustento dos pastores. Portanto tinham que ganhar a vida durante a semana e pregar o Evangelho nos domingos".

(39). — O autor de *Resum teneatis* conta-nos a história interessante de um pastor a quem um menino de hotel perguntou a que denominação êle pertencia, pois seu patrão lhe havia ordenado que reservasse o bom pasto para os animais de ministros episcopais. "Bem, respondeu êle, solte os animais no pasto verde; sou congregacionista, mas pagarei mais para que êles sejam tratados à maneira episcopal".

eram realmente missionários em campos relativamente reduzidos compostos de Igrejas locais dirigidas por presbíteros ou fiéis. Não tinham as preocupações administrativas dos missionários, mas apenas as suas funções episcopais, e passavam a sua vida em *tournées* de inspeção, prédica e sacramentos. Ainda em 1900, — quando a multiplicação dos pastores havia reduzido o seu campo de ação, — o jovem Vicente Themudo Lessa, nomeado para Jaú (São Paulo) passava 38 dias percorrendo, a cavalo, as localidades entregues aos seus cuidados (40). Dessa forma, as Igrejas brasileiras viveram espontaneamente a prática eclesiástica dos primeiros tempos da Reforma e da *Eglise du Désert*, posteriormente, na França do século XVIII. Entregavam-se assim àquêlê mesmo “nomadismo” que fôra a regra dessas épocas como também a regra dos pregadores do *Reveil* francês ao tempo da Restauração e da Monarquia de Julho, isto é, a transferência freqüente de pastores de um a outro campo de atividades.

O Rev. Herculano Ernesto de Gouvêa, de Brotas, filho dêste Severino José de Gouvêa de cuja conversão já falamos e sobrinho, pelo casamento, do Pe. Conceição, residiu sucessivamente, como pastor, ao curso de um ministério particularmente ativo e devotado, em Itatiba, Rio Claro, Jaú, Brotas, Campinas, São Carlos e Araraquara (41); Vicente Themudo Lessa, em Jaú, São Luiz do Maranhão, São Paulo, Espírito Santo do Pinhal, Mogi-Mirim e novamente em São Paulo (42). Assim se compreende como a Igreja de Santa Cruz do Rio Pardo tenha tido, de 1887 a 1942, 14 pastores, com uma média de quatro anos de pastorado para cada um (43). Esse “nomadismo”, por outro lado, sempre foi praticado nas Igrejas metodistas brasileiras, segundo os velhos hábitos dessa denominação.

Com esta vida, cedo envelheciam. Embora, como brasileiros, resistissem melhor à febre amarela que os estrangeiros, matavam-se pelo cansaço. Além do exemplo do Pe. Conceição, lembremos mais o do Rev. Antônio Pedro de Cerqueira Leite que morreu do coração, aos 35 anos (1883), durante a sessão do seu Presbitério, para onde viera depois de uma longa *tournee* a cavalo pelo sertão de Fâxina; os de João Batista de Lima e de Miguel Gonsalves Torres, vítimas da tuberculose, aos quarenta anos; o do Rev. Caetano Nogueira Júnior (1856-1909) que, sem dúvida mais resistente, só morreu aos 53 anos (44). Observemos quanto a êste último que

(40). — Anais, pág. 614. Esta Igreja de Jaú compreendia então as localidades de Capim Fino, Erejo, Botura, Pouso Alegre, Barra Mansa, Bica de Pedra, Varas, Barra Seca, Lengóis, Agudos, Palma, Baurú, Água Limpa, Veado, Taquarussú, Corvo Branco, Ribeirão Claro, Pontal, Alves, Três Barras, Bocaina, Pouso Alegre de Cima e Jardim.

(41). — Anais, pág. 365.

(42). — *Ibidem*, pág. 619.

(43). — *Jornal O Estandarte*, de 7-1-1942, pág. 48.

(44). — As notícias sobre Antônio Pedro, Miguel Torres e “Caetaninho” encontram-se no número do “*Estandarte*” de 4 de janeiro de 1912; já citamos, também, em nossa Bibliografia o livro do Rev. Júlio Andrade Ferreira sobre Miguel Torres.

se tratava de um "pastor fixo" para esses tempos, mas fixo em distritos imensos de Igrejas de sertão, ou melhor, de roça. Um pastor alemão do Brasil meridional deu a suas memórias o título pomposo mas significativo de *Als ich Uhrwaldpfarrer war* (45); título que bem poderia ser o da carreira daquele pastor a quem se chamava Caetaninho. Mas para toda a sua carreira, pois, ordenado em 1886 passou seus 23 anos de ministério na roça, em S. Bartolomeu do Cabo Verde, em Pinhal do Campestre e em Guaricanga, especialmente, de onde partia para missões longínquas em Goiás e no Trângulo Mineiro. O seu retrato, preciso e sòbriamente traçado por Themudo Lessa vale a pena de ser reproduzido:

"Muito singelo na prêdica, fazia-se entender pelos mais ignorantes. No púlpito transluzia no seu rosto a alegria que lhe inundava a alma... Entendia de música, tinha boa voz e gostava muito de ensinar hinos. Ao chegar a uma casa, em visitas pastorais, era comum acercar-se dêle o povo para aprender novos hinos. Entendia um tanto de medicina e ia aplicando remédios aos necessitados. Bom conselheiro e homem de paz. Homem de oração por excelência" (46).

Este pastor que só conheceu as paróquias de árduo trabalho dos "operários da terra", teve, como Conceição e Pedro Antônio Cerqueira Leite a morte em plena vida:

"Viajava pelo interior a cavalo quando foi acometido por um antraz. Continuou a viajar e a pregar, valendo-se de remédios caseiros. Em certo ponto não pôde mais. Morreu na roça, em uma habitação humilde, despido do conforto das grandes cidades. Foi sepultado no cemitério rústico de uma pequena vila. Morreu com o Evangelho nos lábios, longe dos seus, tendo uma boa palavra por Jesus Cristo para com os assistentes que, com lágrimas, viam fugir de seus braços o pastor amado. Verdaderamente um homem de Deus" (47).

A expansão protestante como produto da Bíblia e da conversão espontânea.

Acabamos de ver, com a devida atenção que se lhes deve, a obra dos missionários estrangeiros e de seus colaboradores locais. É preciso dizer, entretanto, que a atividade intensa destes propagandistas não foi, de forma alguma o fator principal da expansão protestante no Brasil.

(45). — Referência do pastor C. Willich in *Zeitschrift für Süd und Mittelamerika*, 1908. O título referido significa: "Quando eu era pastor em mata virgem" (Nota do tradutor).

(46). — *Anais*, pág. 266-267.

(47). — Não seria justo deixar de mencionar as espôsas destes primeiros missionários: Cuidando, muitas vezes, de vários filhos e vivendo pobremente num meio hostil em que as viagens frequentes de seus maridos as obrigavam, muitas vezes a tomar por si sós a direção das obras missionárias locais, desempenharam uma tarefa extremamente difícil e árdua. Veja-se, por exemplo, no "Estandarte" de 7-1-1913, pág. 21-22, esta referência à vida que levava, em Cámpanha, a espôsa do Rev. Eduardo Carlos Peferira; d. Louise d'Allinges-Laupey: habituada à atmosfera tão diferente da Suíça, ela ali viveu pondo em risco a sua vida.

No Brasil e, ao que parece, em tôda a parte. Trata-se aqui de um problema geral, tão geral que ultrapassa a própria história religiosa, pois trata-se de comparar a importância do agente e do meio. A história da expansão de uma doutrina é sempre feita, tendo-se em vista o agente, posição esta em que é mais fácil de se obterem os dados. Daí o caráter artificial, muitas vezes buscado, e falso da visão que é ordinariamente dada a esses estudos e os falsos problemas relativamente aos quais se contradizem os historiadores. Por que uma tal doutrina, tão estranha ao passado de tal região, deitou raízes duradouras? Como foi ela propagada, em que sentido geográfico, e seguindo que caminhos? Analisemos estes problemas relativamente ao exemplo escolhido: a propagação do protestantismo no Brasil.

No Brasil de 1855, fora das colônias estrangeiras, não havia protestantismo algum. Em 1888, a Igreja Presbiteriana, então a mais desenvolvida no país, contava mais de cinquenta comunidades para apenas vinte missionários. Em 1895, o missionário batista Taylor calculava em perto de 30.000 o número de brasileiros que poderiam, por uma ou outra denominação, dizer-se evangélicos, e para apenas uma centena de pregadores, dentre os quais os nacionais já se evidenciavam claramente. Em 1940, segundo os dados do recenseamento geral, esse número se elevara para 1.074.857 (compreendidas as colônias estrangeiras). Para criar todo esse povo protestante existiram apenas algumas centenas de agentes estrangeiros de tôda natureza, dispersos em 85 anos.

Sem negar a importância do papel destes agentes, somos obrigados, por outro lado, diante de tais resultados, a dar uma importância muito grande às disposições e mais propriamente às necessidades religiosas das populações em cujo seio esses agentes conseguiram tantas conversões. Dissemos, de início, quais eram essas necessidades e essas disposições e como, por outro lado, a penúria dos padres os obrigava a se satisfazerem numa vida religiosa leiga. Acrescentemos aqui mais um fator extremamente importante. Ao lado de muitas superstições (48), de fortes tendências ao animismo e ao iluminismo (49), esta forma de piedade popular autônoma tem uma forte base bíblica. Esta afirmação parecerá tão estranha aos protestantes persuadidos de que a sua fé trouxe ao Brasil as Sagradas Escrituras até então ignoradas quanto a católicos, receiosos a respeito d'Elas. Basta, porém, recorrer às pesquisas de folcloristas modernos para nos apercebermos da sua verdade. Há um deles que nos descreve a "Festa do Santo Rei" ou dos "Três

(48). — Leia-se especialmente "Mitos do Estado de São Paulo", colecionados pelo Centro de Pesquisas Folclóricas Mário de Andrade, in *Revista do Arquivo Municipal*, n.º CXVII, São Paulo, 1948.

(49). — O assunto é vasto e tem sido frequentemente tratado. Vai desde o sebastianismo da Pedra Bonita até Antônio Conselheiro, ao Pe. Cícero e às taumaturgias modernas; cf. entre outros, Klöber, *Reminiscências*, t. I, pág. 93-94; os estudos de Nina Rodrigues in *As coletividades anormais* (Rio, 1939); Lourenço Filho, *Joãozinho do Padre Cícero* (São Paulo, 1926).

Reis Magos”, em Guaxupé (Minas) (50). Uma “companhia” de dez pessoas percorrem o país pedindo ofertas em nome dos Reis. O “Embaixador” canta (e seus companheiros repetem) um cântico de Natal que é a versificação pura e simples do texto evangélico sem nenhuma adição de caráter “católico”, e terminado por um apelo para se entregar a Jesús. Teologia e sentimento exclusivamente bíblicos: nestas 25 estrofes não existe nenhum louvor à Virgem nem tampouco uma citação expressa. As duas únicas menções a ela relativas são: seus “braços maternais” e do “filho da Virgem”. Mais surpreendente ainda e mais significativa é a existência do “cururu bíblico” que nos foi revelado, bem como a muitos outros leitores, pelo notável estudo de João Chiarini (51). Sabe-se que o gênero literário e musical do “cururu” ou do “desafio” foi herdado pelo povo do antigo “debate” entre trovadores, mas ignora-se geralmente que o “cururu” mais difícil e de melhor classe, aquele a que só os mestres se consagravam, desenvolvia temas bíblicos a ponto de o autor acima referido ver uma origem e uma característica cristã e não africana deste jôgo (52). “O antigo cantar na Escritura, diz-nos (53), fazia-se revelando as passagens bíblicas contidas no seu livro (Bíblia) do começo até o fim. Porque havia assistentes que levavam Escrituras Sagradas e acompanhavam a demanda, folheando as suas páginas, acusando publicamente os que saltassem a ordem das histórias e dos versículos”. Pode ser que a origem longínqua do “cantar na Escritura” se prenda à evangelização dos Jesuítas que assim teriam encontrado um meio de fazer com que os seus catecúmenos memorizassem os capítulos essenciais da Bíblia; fala-se também da influência de um antigo padre, um grande mestre do “cururu”, já há mais de meio século. Mas o fato é esse e ao estudar a carta dos “municípios curureiros” do Estado de São Paulo, no trabalho de João Chiarini, não se pode deixar de concluir que a região de Piracicaba a Sorocaba e de Porto Feliz a Botucatu foi onde a propaganda bíblica dos protestantes teve desde logo acesso entre os “caipiras” a quem também os missionários faziam cantar as verdades cristãs (54).

(50). — “Festa do Santo Rei ou dos Três Reis Magos (Minas Gerais)” in *Revista do Arquivo Municipal*, 1948.

(51). — “Cururu”, in *Revista do Arquivo Municipal*, n.º CXV, 1947.

(52). — *Ibidem*, pág. 89: “O cururu não foi criado pelo negro... O negro da colônia era feiticista. E o aspecto folclórico é derivado de uma influência, o cristianismo (Bíblia)”.

(53). — *Ibidem*, pág. 113.

(54). — O “cururu bíblico” se encontra, atualmente, em decadência, como aliás, o próprio gênero. Trata-se de uma espécie muito difícil porque exige conhecimentos especiais pouco difundidos, ao mesmo tempo em que a história do Brasil, por exemplo, através das escolas públicas oferece novos temas aos cantôres. Ainda sob este aspecto é que se revela, como prova suprema, a métrica dos “curureiros”. Assim é interessante observar as fontes de leitura que inspiram, atualmente, 31 cantores de renome dos quais João Chiarini nos dá as biografias: apenas 4 nasceram antes de 1900; 23 dentre eles sabem ler e o fato têm — “Bíblia” (16), “História do Brasil” (8), “Vida de Carlos Magno” (8), “Mártir do Gólgota” (7), “História Bíblica” ou “Sagrada” (6), “Geografias” (5), “Dicionários” (5), “Astronomia” (4), “Lusiadas” (3), “Luz Perpétua” (3), “Livro” ou

Tanto é assim que são numerosos os exemplos de conversões individuais e mesmo de formação de comunidades protestantes através só da Bíblia, sem nenhuma intervenção de missionários. Os leitores de *Bandeirantes da Fé* de D. Maria de Melo Chaves ali encontrarão lindas passagens relativas a Minas. Em Conquista (Bahia) uma Bíblia caiu nas mãos de um tabelião; depois de meditada leitura forma um grupo de leitores das Escrituras com os quais os batistas, mais tarde, organizaram uma Igreja (55). Em Cachoeiras (Espírito Santo) um empregado de estrada de ferro entrega ao cura uma "Bíblia protestante" certo de que se tratava de uma leitura condenável; mas atraído pelo que já havia lido continuou o estudo das Escrituras numa Bíblia que pertencera a um padre já falecido e por esse estudo chegou a convicções protestantes que apenas foram confirmadas pelos batistas quando mais tarde entrou em contacto com eles; e em torno d'êle criou-se uma Igreja (56). Já fizemos alusão a uma Bíblia dada por um propagandista a um fazendeiro da região de Campos e pela qual toda uma família se converteu: o missionário Salomão Ginsburg pretendendo falar a êste pequeno grupo não teve senão de apresentar-se para tirar partido de uma situação em que praticamente nenhuma propaganda existira, organizando-os logo em Igreja com mais de cinqüenta membros professos. Poderíamos ainda lembrar numerosos outros exemplos, mas terminemos reproduzindo aqui um relatório que o missionário Taylor fez em 1898, de uma de suas viagens ao interior de seu campo de trabalho, na Bahia (57). Embora um pouco longo êle é particularmente característico destes nascimentos espontâneos de Igrejas, o do que, a êsse tempo, era o trabalho dos missionários.

"Saindo da Bahia no dia 10, cheguei a Canavieiras no outro dia pela linha de vapores costeiros. Dormindo em casa de um amigo, saí no dia seguinte em canoa para o rio Salso. As margens do rio são cobertas de árvores frondosas que pela metade da viagem se intercalam por cima do rio e dão trânsito fácil aos macacos e outros muitos animais que habitam nas brenhas... Levei parte de dois dias na canoa, chegando ao meu destino, a fazenda dos srs. Carvalho, irmãos e parentes. Lá fui recebido pela sra. D. Paulina, mãe de numerosa família, já idosa, natural de Sergipe... Quando entraram os homens, entreguei-lhes a carta de convite que me dirigira o principal dentre eles.

"Para compreender bem o que sucedeu durante a semana seguinte, deve-se ler o capítulo X dos Atos, onde Cornélio con-

"Autos dos Apóstolos" (2), "Luz da Profecia" (2), "Lunário Perpétuo" (2) e uma única referência à "Genealogia de Cristo", "Reis Vindouros", "Revelação", "Alvares da Cruz", "Flos Sonetorum", "Profecia", "Minha Pátria", e romances religiosos. Como se vê, as leituras destes cantores são sobretudo bíblicas e religiosas, pelo menos aquelas que eles preferiram declarar ao pesquisador.

(55). — *História dos Batistas do Brasil*, t. II, pág. 154; Ginsburg, *Um judeu errante no Brasil*, pág. 261.

(56). — *História dos Batistas do Brasil*, t. I, pág. 266.

(57). — *Ibidem*, pág. 150-152.

vidou a Pedro para visitá-lo. O sr. Carvalho chorou de alegria quando contei como tinha recebido seu convite e como logo viera. Imediatamente foram despedidas as notícias a tóda a parentela e interessados, e de tarde encheu-se a casa. Príncipei a pregar, e as palavras foram recebidas com uma inteligência e interesse que indicavam bom conhecimento da Lei de Deus.

"Há mais de um ano a Bíblia chegou ali nas mãos de um dos membros da família. Começaram a estudá-la e procuraram obedecer os seus ensinamentos. Abandonaram as imagens, e logo principiou a perseguição. Viram no Velho Testamento a lei do dizimo e começaram a dizimar as suas rendas. Entenderam que Jesus Cristo é o único Salvador e que os crentes devem confessá-lo publicamente pelo batismo.

"Todos os dias, durante uma semana, das 8 as 10 reuniram-se por consenso comum, e de tarde as 6 horas. Cantaram os hinos com alegria. A semana passou como um dia no Paraíso. Na manhã do sábado, a sra. D. Paulina, com idade de 74 anos, foi a primeira a pedir o batismo com D. Joaquina sua filha. Depois da pregação e quando examinara a fé dos candidatos, um após outro com lágrimas, até o número 8, confessaram Jesus seu Salvador. Seguimos ao rio cantando um de nossos belos hinos..."

Evangelização leiga e vida autônoma das comunidades. Estas comunidades de crentes espontaneamente criadas viviam e se desenvolviam muitas vezes alheias aos cuidados de um pastor residente, e pelo simples zelo de seus membros. Este fato é particularmente característico dos batistas de quem a sua história escreveu que todos eles eram pregadores (59). Os seus "cobreiros" continuavam a evangelização pois "ficando imbuídos da paixão de evangelizar, sonhavam principalmente com planos de alcançar o maior número possível de pecadores com a sua mensagem... sempre animavam a responsabilidade de evangelização pessoal". Um dos autores da *História dos Batistas do Brasil*, o missionário norte-americano Crabtree observa que criadas muito rapidamente e entregues a si mesmas, "diversas Igrejas foram abandonadas porque os obreiros ficavam com o serviço de evangelizar, julgando que o grande número de batismos que fizeram amplamente justificava o seu método" (59). São reações sacerdotais e de segunda geração. Na verdade foi este entusiasmo que criou, sob os olhos estatelados dos missionários, uma grande parte das Igrejas batistas do Brasil. O exemplo que daremos mostra bem esta técnica de proliferação. A Igreja de Campos (Rio) contava com uns trinta membros quando Salomão Ginsburg tomou a sua direção, em 1894; neste mesmo ano ele a elevou para 122, organizando mais, em São Fidelis uma nova Igreja com 7 membros transferidos de Campos. Em 14 de julho de 1895, outros 24 membros da Igreja de Campos constituíram a Igreja de Guandú que em seis semanas conseguiu 28 prosélitos e em 15 de

(58). — *Ibidem*, t. II, pág. 219.

(59). — *Ibidem*, t. I, pág. 332-335.

novembre já pôde ceder 18 de seus membros para formarem a Igreja de Santa Bárbara. Mas voltemos à comunidade de São Fidelis: em 1896, no ano seguinte ao de sua constituição, apresentou 43 candidatos ao batismo, elevando o seu total de membros para 79; em 1898 fêz batizar 80 novos adeptos — tudo sem a assistência pastoral e sob os cuidados apenas de leigos, os fazendeiros Mancel e Rodrigues Peixoto; em 1899, 34 de seus membros professos contituiram a Igreja de Ernesto Machado e mesmo assim, ao fim do ano, ela conta com nada menos de 191 membros; em 1900 ela criou as Igrejas de Cambucí e de Rio Preto com respectivamente 40 e 32 de seus membros (60).

Algumas destas Igrejas, observa Crabtree, experimentaram dificuldades por haverem sido “organizadas prematuramente, com crentes neófitos e sem a preparação necessária para a direção dos trabalhos”. Mas é êle mesmo quem nos conta esta outra história em que o zelo dos fiéis prejudicava a prudência do missionário (61). A Igreja de Santos, constituida em 6 de fevereiro de 1903, com apenas 6 membros, em 18 de junho já contava 16, quando o missionário de São Paulo, Dr. Bagby não encontrando nenhum evangelista a quem confiá-la a declarou dissolvida. Não aceitando esta decisão os fiéis mantiveram as suas reuniões e terminaram o ano com 20 batizados e vários candidatos ao batismo, com uma sala de cultos e dois prédios anexos nos arredores. Em 1904 a Igreja de Santos procedeu a 14 batismos; em 1905, a 16. Possuia então três prédios anexos e já se havia desenvolvido criando a Igreja do Alto da Serra.

Este desenvolvimento autônomo não é exclusivo das Igrejas batistas; os mesmos exemplos poderíamos encontrar em tôdas as denominações. História idéntica foi a da comunidade presbiteriana independente de Bebedouro (62). Nasceu em 1901 da prédica de dois simples fiéis vindos, um da Igreja de São João da Boa Vista, outro da de São Sebastião da Gama, isto é, de localidades situadas a 200 kms. de Bebedouro. Em 1903 um pastor foi ter até lá para receber 6 prosélitos: em 1904, após duas visitas pastorais receberam-se mais 14 membros; e finalmente, em 12 de abril de 1905, a Igreja foi constituida com 25 membros professos e 23 crianças. Também lá os pastores só vinham para testemunhar e validar os resultados da evangelização leiga. Este exemplo, além do já citado, relativo à criação da Igreja Presbiteriana de Borda da Mata (Minas) pelos prosélitos de Brotas, traz-nos, por outro lado, uma resposta ao problema, aliás, falso, do “sentido da propagação da Reforma no século XVI e seguintes. Ensina-se muitas vêzes, mais ou menos doutoralmente, que ela se desenvolveu de leste para oeste. Trata-se de uma tautologia desprovida de interêsse real desde que se obser-

(60). — *Ibidem*, t. 1, pág. 115, 172-181.

(61). — *Ibidem*, t. 1, pág. 304.

(62). — *O Estandarte*, 7-1-943, pág. 47.

ve apenas que a Alemanha está a leste da França, da Inglaterra e dos Estados Unidos. Uma concepção do espírito inteiramente rejeitada pelos fatos desde que atentemos aos seus pormenores.

A província francesa de Saintonge que confina a oeste com o Poitou, não foi evangelizada, no século XVI pelos propagandistas vindos desta região vizinha, já parcialmente convertida ao protestantismo. Sua evangelização se explica por um acontecimento casual: M. de Pons, um dos principais senhores dessa província encontrou Calvino em Ferrara, de tal sorte que a reta leste-oeste, de Poitou a Saintonge, passa pela Itália. Da mesma forma aconteceu com o Brasil, onde considerações apressadas e generalizações excessivas levaram a admitir-se que a obra dos propagandistas estrangeiros na evangelização protestante se houvesse realizado regularmente do litoral para o interior, seguindo estradas abertas e vias férreas. A evangelização de Borda da Mata pelos prosélitos de Brotas, a de Bebedouro pelos convertidos da fronteira oriental do Estado de São Paulo, permite uma série de constatações semelhantes que vem até nossos dias. Em 1911 o pastor batista, sueco, Gresenberg foi chamado pelos seus compatriotas para organizar uma Igreja numa fazenda sueca próxima de Catanduva, ao norte do Estado. Dalí foi conduzido por um dos fiéis da nova Igreja para fundar outra comunidade a 80 kms. a noroeste, entre os espanhóis de Viradouro (1913). E foram estes prosélitos de Viradouro que, por sua vez, fazendo um caminho inverso, vieram criar a comunidade de Pctirendaba, a uns 30 kms. de Catanduva (63). Ainda recentemente a comunidade presbiteriana de Mandaguari (Paraná) foi criada por um presbítero do estado de Minas que para lá se mudou, e não pelo pastor de Marialva, localidade próxima, como se poderia esperar do desenvolvimento normal e planejado de seu campo missionário (64). Não se trata pois de uma propagação linear, nem é caso de adaptar à história eclesiástica as idéias de Bedier sobre as canções de gesta. Quando uma população está pronta ao conhecimento e aceitação de uma nova ideologia, ela se propaga como um incêndio na floresta, por faíscas dispersas levadas pelo acaso dos ventos, ou do Espírito.

Resultados da primeira fase da expansão protestante.

Os esforços dos pregadores e o zelo dos fiéis já haviam criado, nos primeiros anos deste século, um total considerável de Igrejas protestantes de diversas denominações. O quadro seguinte nos dará uma idéia das Igrejas das denominações mais importantes, a presbiteriana e a batista (indicando-se em itálico as Igrejas batistas) (65).

(63). — História dos Batistas, t. II, pág. 225.

(64). — O Puritano, 10-2-950.

(65). — Dados tomados aos Anais e à História dos Batistas do Brasil.

1862. Rio de Janeiro.
1863. São Paulo.
1865. Brotas (S.P.)
1868. Lorena (S.P.).
1869. Borda da Mata (Minas), Sorocaba (S.P.).
1870. Campinas (S.P.), Sta Bárbara (S.P.). — *Sta Bárbara*.
1872. Bahia, Petrópolis.
1873. Avaré (S.P.), Caldas (hoje: Parreiras, Minas), Rio Novo (hoje: Cachoeirinhas, Minas), Rio Claro (S.P.).
1874. Alto da Serra (S.P.), Cruzeiro (hoje: Embaú, S.P.), Machado (Minas), Penha do Rio do Peixe (hoje: Itapira, S.P.).
1875. Cachoeira (Bahia), Dois Córregos (S.P.), S. Carlos (S.P.).
1878. Campos (Rio), João Pessoa, Recife.
1879. Araraquara (S.P.), Faxina (S.P.).
1880. Goiana (Pern.), Lençóis (S.P.), Ubatuba (S.P.).
1881. Areado (Minas), Cabo Verde (Minas), Fortaleza, Piracicaba (S.P.).
1882. Guareí (S.P.). — *Bahia*.
1883. Itatiba (S.P.).
1884. Campanha (Minas), Laranjeiras (Serg.), Fundão (S.P.), Mogi-Mirim (S.P.), Paraíba (R.J.), Tibagi (Paraná).
1885. Botucatu (S.P.), Itapetininga (S.P.), Mossoró (R.G.N.), Pirassununga (S.P.), Rio (2.a Igreja). — *Maceió*.
1886. São Luiz do Maranhão.
1887. Pão de Açúcar (Alagoas), Rio Grande do Sul, Maceió.
1888. Cana Verde (Minas), Castro (Par.), Curitiba, Monte Alegre (Par.), Tatuí (S.P.).
1889. São João de Boa Vista (S.P.).
1890. Bela Vista de Tatuí (S.P.), Espírito Santo do Pinhal (S.P.), Fatura (S.P.). — *Juiz de Fora (Minas)*.
1891. Boa Vista do Jacaré (S.P.), Jau (S.P.) (66), São Sebastião da Gramma (S.P.). — *Campos (Rio)*.
1892. Lavandeiras (Serg.), Sengó (mun. Pouso Alto, Minas). — *Barbacena (Minas), Niterói (Rio), Recife (mais ou menos em 1892), Rio Largo (Alag.)*.
1893. Areias (Pern.), Araguari (Minas), Bagagem (hoje: Estrêla do Sul, Minas), Paracatu (Minas), Sta Luzia de Goiaz (Minas). — *Goiana (Pern.)*.
1894. São Fidelis (Rio), Vargem Grande (D.F.). São Paulo (2.a Igreja).
1895. Palmeiras (S.P.), Ribeirão Claro (hoje Iacanga, S.P.), Ribeirão do Veado — *Guandú (Rio), Paraíba do Sul (Rio), Sta Bárbara (Rio)*.
1896. Natal, Taquerí (R.G.S.), Tietê (S.P.). — *Natal, Nazaré (Pern.)*.

1897. Cajurú (S.P.), Campestre (R.G.S.). — *Belo Horizonte*, *Manaus*.
1898. Nova Friburgo (Rio). — *Belém*, *Macaé* (Rio), *Sto Antônio* (Bahia).
1899. Canhotinho (Pern.); Garanhuns (Pern.), Lavras (Minas), Matão (Par.), Rezende (Rio), São Paulo (Igreja Filadelfia). *Ernesto Machado* (Rio), *São Paulo*.
1900. Cabo Verde (Minas), Juquiá (S.P.), Piumhi (Minas). São Francisco do Sul (S. Cat.), São João da Cristina (Minas). — *Cambucí* (Rio), *Campinas* (S.P.), *Conquista* (Bahia), *Boa Nova* (hoje Bom Jardim, Rio), *Paciência* (Rio), *Rio Preto* (Rio), *Timbaúba* (Pern.).
1901. Aracajú, Barra Alegre (Rio), Florianópolis, Lençóis (S.P.), S. Manuel (Minas). — *Engenho de Dentro* (D. F.), *Garanhuns* (Pern.), *Ilheitas* (Pern.), *Jaboatão* (Pern.), *Jequié* (Bahia), *Penedo* (Alagoas).
1902. Alto Jequitibá (hoje Presidente Soares, Minas), Orobo (Bahia), São João Nepomuceno (Minas), São João del Rei (Minas). — *Anta* (D. F.), *Aperibe* (Rio), *Bahia* (2.a Igr.), *Conceição do Macabú* (Rio), *Jundiá* (S.P.), *Piracicaba* (S.P.), *Rio Negro* (Rio).
1903. Atibaia (S.P.), Gileão (Pern.), Palmares (Pern.), São Paulo (Igr. italiana). — *Ajaratuba* (Amaz.), *Alto Macabú* (Rio), *Castro Alves* (Bahia), *Correntes* (Piauí), *Cortes* (Pern.), *Firme* (Esp. Sto), *Genebra* (Bahia), *Lavras do Rio Bonito* (Rio), *Moganga* (Pern.), *Nova Lage* (Bahia), *Perequito* (Amaz.), *Pilar* (Alag.), *Pinheiros* (Pará), *Santa Joana* (Esp. Sto), *Vitória*, *Santos* (S.P.).

Não nos é possível dar, mesmo para estas duas denominações principais, os dados totais dos membros e das admissões relativos a vários anos de sorte a permitir a apreciação exata de seu desenvolvimento. Daremos entretanto alguns algarismos pormenorizados que nos permitirão fazer uma idéia. Vejamos, por exemplo, os algarismos relativos às três primeiras Igrejas presbiterianas no início de sua história.

	1862	1863	1865	1867	1871	1874
Brotas		7	18	32	40	80
Rio	3				120	
São Paulo			11	61	116	140

O desenvolvimento regular destas Igrejas pode ser observado de ano a ano pelos novos membros aceitos na Primeira Igreja Presbiteriana de S. Paulo, por profissão de fé e abjuração do catolicismo (a maioria) ou por transferência de outras comunidades.

1866... 17	1875... 5	1881... 9	1888... 22	1897... 21
1867... 9	1876... 4	1882... 14	1889... 28	1898... 32
1868... 8	1877... 5	1883... 13	1890... 17	1899... 54
1872... 13	1878... 16	1884... 10	1893... 18	1901... 40
1873... 13	1879... 11	1885... 12	1894... 11	(67)
1874... 8	1880... 4	1886... 24	1895... 20	
		1887... 16	1896... 19	

Quanto aos batistas, já vimos o crescimento considerável e regular das Igrejas que fundaram, entres os anos vizinhos de 1890 e 1903, em que se registram 16. O pequeno quadro seguinte nos mostrará o crescimento do campo missionário, na Bahia, que era então o mais importante dessa denominação, no espaço de doze anos:

	1895	1897	1898	1899	1901	1902	1903	1904	1905	1906
Igrejas ...	4	5	6		9		18	21	24	30
Membros	278	386			516		964	1071	1009	1300
Ad. p/ano.	71	85	62	156	140	197	201	163	211	300

Em 1906, esta denominação inexistente 20 anos antes contava mais de 80 Igrejas e 4.000 membros professos; mais de mil admissões por ano se haviam feito e somente este fato demonstra o crescimento vertical que se seguirá e do qual daremos alguns pormenores mais adiante.

A nacionalização do corpo protestante. Ainda mais importante que este crescimento ininterrupto era o caráter nitidamente nacional que havia tomado o protestantismo brasileiro e que se revelava cada vez mais marcante nos últimos anos. Relativamente ao ministério, a Igreja presbiteriana contava, em 1888, apenas 12 pastores nacionais para 20 missionários; no fim de 1900 o número de pastores nacionais já se havia elevado para 48. Quanto ao corpo de fiéis, vimos que elle se iniciou pelo recrutamento de anglo-saxões, de portuguezes da Madeira, protestantes, vindos dos Estados Unidos, e de portuguezes recém-chegados, colonos ou pequenos proprietários cujo catolicismo, quebrados os laços de fidelidade tradicional pelo destêrro, não pôde resistir ao encontro dos pregadores das doutrinas evangélicas. Estes elementos estrangeiros, diversos, foram logo inteiramente submersos pelos prosélitos do país que não tardaram a imprimir às suas comunidades um caráter incontestavelmente brasileiro.

Citemos alguns dados relativos ao histórico da Igreja Presbiteriana de São Paulo. Em 5 de março de 1865, numa de suas primeiras admissões, recebeu como membros professos 4 portuguezes

(67). — Neste ano, as querelas eclesiásticas de que falaremos, e que já haviam reduzido o número de admissões, terminaram com a fundação de uma Segunda Igreja Presbiteriana de São Paulo.

e 2 brasileiros. Em 1867 os seus 32 membros compreendiam 17 estrangeiros (13 portugueses, 2 ingleses, 1 alemão e 1 italiano) e 15 brasileiros; no ano seguinte, 23 estrangeiros (19 portugueses, 2 ingleses, 1 alemão e um italiano) e 17 brasileiros. Em 1873, os treze membros novos daquele ano compreendiam 5 brasileiros, 5 alemães, 2 portugueses e 1 suíço. Mais tarde, já o número de brasileiros aumenta. Em 1882 encontramos entre os seus novos prosélitos 8 brasileiros e 2 norte-americanos, um português, um italiano, um alemão e um suíço. E embora no ano seguinte se restabeleça a maioria estrangeira, pequena aliás, (6 brasileiros, 4 italianos e 3 portugueses), a Igreja recebe, em 1884, 7 brasileiros, um norte-americano e 2 suíços; em 1885, 9 brasileiros, 2 norte-americanos e 1 alemão. A partir de então nunca mais o número de admissões de estrangeiros ultrapassou o de brasileiros.

Mas os algarismos não são o principal nem podem, por si só, dar-nos uma idéja da força que tomava rapidamente o protestantismo brasileiro. Há países católicos em que as conquistas recentes da Reforma, embora alcançando os meios puramente nacionais, foram esporádicas, sem alcance social e incapazes de formar um "corpo" que fôsse o suporte duradouro da doutrina. As conversões individuais, apesar de edificantes, não tiveram então maiores conseqüências. No Brasil, entretanto, eram famílias inteiras, quase que tribos, dir-se-ia, que aceitavam o protestantismo, e em tôda as classes sociais.

Já vimos que a grande Igreja presbiteriana de Brotas teve, em sua base, a conversão de duas famílias: a dos Gouvêa e a dos Cerqueira Leite. Ao constituir-se a Igreja de Itanhaem (São Paulo) com a admissão de 22 membros professos, em 1886 e 1887, contavam-se entre êles: 4 Neves, 7 Batistas (dos quais dois eram Neves pelo lado materno), 3 Sousa, 2 Assunção (pai e filho) e apenas 4 nomes isolados (e mesmo assim é provável que tivessem laços de parentesco com os nomes anteriormente citados). Auxiliadas pela proliferação dos casamentos estas famílias convertidas formavam logo um núcleo sólido da nova fé com novos e poderosos meios de expansão. Mais do que uma opinião individual, a fé evangélica se tornava a expressão ideológica de um grupo social bastante forte para se defender e defendê-la, e mais, para propagá-la. É interessante reencontrar aqui a origem familiar e patriarcal das manifestações vigorosas do protestantismo desde o século XVI (como, aliás, aconteceu também com o cristianismo dos tempos apocósticos). Ainda em nossos dias as "famílias" têm uma importância considerável nas Igrejas evangélicas nacionais do Velho Continente (lembrem-se, por exemplo, os Monod, na França), cu nas comunidades locais criadas por algum patriarca com descendência numerosa (A Igreja protestante de Marselha nasceu, tal como o comércio marítimo atual dêste primeiro pôrto francês, da "família" dos Fraissinet).

A adesão dos “ilustres” ao protestantismo.

O “corpo protestante” brasileiro que assim se criava teve mais esta circunstância privilegiada de se constituir normalmente à imagem exata de todo o corpo social do país. Desde o início, tôdas as classes e tôdas as profissões ali foram representadas.

A adesão ao protestantismo de membros relativamente numerosos da aristocracia brasileira, nos últimos trinta anos do século XIX, é um acontecimento a tal ponto surpreendente, à primeira vista, que merece ser estudado minuciosamente.

Já vimos que entre os primeiros convertidos do Dr. Kalley, estavam d. Gabriela e d. Henriqueta, a irmã e a sobrinha do marquês de Paraná, Honório Hermeto Carneiro Leão. O engenheiro Miguel Vieira Ferreira, um dos adeptos da Igreja do Rio e que promoveu a organização da Igreja Evangélica Brasileira, pertencia à mais alta sociedade do Maranhão. Estas duas famílias, ou alguns de seus membros ao menos, vieram, em 1878 aumentar o rol da Igreja Presbiteriana de São Paulo, até então socialmente muito modesta. Em 7 de abril daquele ano esta Igreja recebeu, por transferência, d. Gabriela e d. Henriqueta (que se havia casado em 1860 com um correligionário irlandês, William Esher); em 5 de maio recebeu, por profissão de fé, d. Rosa Edite de Souza Ferreira, filha do Dr. Miguel Vieira Ferreira, e, por transferência, alguns de seus parentes, d. Ana Rita Vieira Ferreira Pinto, e suas filhas, d. Luiza e d. Estefânia (68).

Estas admissões tiveram grande importância na vida do protestantismo em São Paulo, que haveria de propagar-se pela aristocracia dos “peulistas de quatrocentos anos”. A vinda destas grandes damas “evangélicas” à capital bandeirante, há de se ligar à profissão de fé, no mês seguinte (2 de junho de 1878), de d. Maria Antônia da Silva Ramos, filha do senador Barão de Antonina, João da Silva Machado (69). D. Rosa Edite de Souza Ferreira casou-se em São Paulo com o Prof. Remígio Cerqueira Leite. A neta de d. Maria Antônia da Silva Ramos, d. Ernestina Rudge Ramos fez sua profissão de fé, na mesma Igreja, em 17 de setembro de 1882, casando-se aos 21 do mesmo mês com um jovem daquela Igreja, filho de um oficial superior, Cesário Pereira de Araújo que havia entrado para a Igreja Presbiteriana 4 meses antes. Este casamento protestante de dois jovens da aristocracia paulista foi um acontecimento de grande repercussão social na cidade: foi celebrado na Escola Americana e ali estavam presentes nada menos de três pastores, os missionários Morton, Chamberlain e Howell (70).

(68). — Vicente Thomado Lessa, *Anais*, pág. 43 e 154.

(69). — *Ibidem*, pág. 155.

(70). — *Ibidem*, pág. 205.

Tôdas estas famílias e especialmente a de d. Henriqueta de Couto Esher, tornaram-se instrumentos ativos da propaganda protestante. Mas houve outra família, da mesma classe, que pelo número de adeptos à nova fé e pelo seu zelo religioso se tornou o centro da Igreja Presbiteriana de São Paulo: foram os Souza Barros, a quem os genealogistas (71) fazem descender, através dos soberanos de Portugal, dos Imperadores de Leão e Carlos Magno, não esquecendo contudo, êsses caciques Piquerobí e Tibirijá de quem tôdas as antigas famílias de São Paulo se orgulham de descender. A história da conversão de vários de seus membros ao protestantismo é tão significativa que merece ser contada.

Certo dia, passando a cavalo, com sua espôsa e filhos, em uma de suas *tournées*, pela região de Piracicaba, o missionário Chamberlain pediu autorização para pernoitar na Fazenda São Luiz que pertencia então, como uma boa parte do Estado, a Luiz Antônio de Souza Barros, filho do Brigadeiro, e neto, pelo lado materno, de um bandeirante dos fins do século XVIII que, à procura de ouro, houvera feito enorme fortuna na Mina de Melgueira (Mato Grosso). Convidado pelo administrador a se acomodar na casa, aí realizou, como era de seu hábito, um culto, orando pelo chefe daquela casa que estava ausente, e mais por tôda a sua família. A sua prece seria ouvida alguns anos mais tarde. Não foram os seus cuidados missionários, nem os cuidados das damas da alta sociedade paulista, mas os de uma humilde doméstica, Inácia Maria Barbosa, que trouxeram a nova fé àquela casa. Havia sido recebida na Igreja de São Paulo, em 2 de junho de 1878, ao mesmo tempo que d. Maria Antônia da Silva Ramos; e ela, e não a filha do barão de Antonina, é que foi a origem da conversão de seis filhas que Luiz Antônio de Souza Barros havia tido, (além de mais quatro filhos homens) em segunda núpcias, com d. Felicíssima de Campos. A esta conversão se seguiu a de sua própria espôsa e finalmente a sua. Havendo abraçado a fé evangélica sob a influência de um membro da Igreja Presbiteriana, da qual foi depois diácono, Isidro Bueno de Camargo, e em casa de quem prestara serviços, d. Inácia Maria Barbosa se havia tornado ardente propagandista do evangelho. Chamada para governante de um filho de d. Maria Paes de Barros, a primeira filha do segundo casamento de Luiz Antônio de Souza Barros, acabou por converter a dona da casa a suas idéias religiosas, sem que, entretanto ela pudesse a êsse tempo fazer a sua profissão de fé. A irmã seguinte de d. Maria, d. Elisa se insurgiu de início contra esta infidelidade à fé tradicional da família; mas tôdas as crianças daquela casa haviam tido professoras alemãs cuja influência

(71). — L. P. Castro de Moretzsohn, *Apontamentos genealógicos* (Santos, 1900); Luiz Gonzaga da Silva Leme, *Genealogia Paulistana*, t. III (São Paulo, 1904), pág. 385 e seguintes; e preferivelmente, Frederico de Barros Brotero, *Descendentes do Ouvidor Tenente Paes de Barros* (São Paulo, 1936).

já as havia de certa forma preparado para o protestantismo e d. Elisa foi precisamente a primeira pessoa da família a fazer profissão de fé, em 10 de outubro de 1886. Era casada com o Dr. Inácio Xavier Paes de Campos Mesquita, e o Rev. Chamberlain batizou, ao mesmo tempo, a ela e aos filhos já nascidos. A quarta destas filhas, d. Felicíssima, seguiu o seu exemplo, em 7 de agosto de 1887 (72). No ano seguinte (em 3 de junho), a sua irmã mais velha d. Maria, por quem se iniciara a sua conversão, também professou a sua fé. E a 3 de fevereiro de 1889, foram recebidas, por profissão de fé, a terceira e a quinta filhas, d. Adelina e d. Eugênia; e em janeiro de 1890, d. Antônia, a última das irmãs. Quatro meses mais tarde elas tiveram o júbilo de ver a profissão de sua mãe (4 de junho) na mesma Igreja presbiteriana. Seu pai, como a maior parte dos homens de uma família, não manifestou expressamente a sua adesão, mas é certo que morreu na mesma fé. Assim, através de um exemplo, ao qual tivemos de deter-nos, pode-se reconstituir, a partir de 1870, data em que Isidro Bueno de Camargo, o pai espiritual de Inácia Barbosa, fez a sua profissão, até 1890, a cadeia de influências que deu ao protestantismo brasileiro uma de suas famílias mais autorizadas e mais ativas, bem como a propagação de suas crenças entre os membros desta família.

Mas há outras famílias ilustres a citar e que igualmente deram alguns membros à Igreja presbiteriana. Assim, o missionário Dr. Butler recebeu em São Luiz do Maranhão, em 1885, d. Maria Bárbara Belforte Duarte e em 1886 d. Paulina Jansen Tavares, cujos maridos, Francisco de Paula Belforte Duarte e o general Tavares são bastante conhecidos pela importância que tiveram na proclamação da República (73). Mas o monopólio das conversões da alta sociedade brasileira não estava nas mãos apenas dos presbiterianos e da Igreja Fluminense; na verdade, não existiu esse monopólio. A Igreja batista que em seu início foi a mais modesta também contou com esta força através da adesão dos Nogueira Paranaguá, de Correntes (Piauí) (74).

Grande proprietário ao sul do Piauí e um dos principais chefes do partido liberal daquele Estado, Joaquim Nogueira Paranaguá conheceu o missionário batista Z. C. Taylor no navio em que veio para o Rio a fim de tomar parte na Constituinte, como

(72). — Devemos à gentileza de d. Felicíssima e de d. Maria as informações que nos permitiram completar os dados e pormenores cronológicos fornecidos por Vicente Themudo Lessa, de acordo com o registro das admissões da Igreja Presbiteriana de São Paulo. D. Maria, em seu livro "No tempo de dantes" (São Paulo, 1946) conta-nos episódios que datam de mais de três quartos de séculos, cheios de encanto e de força sugestiva. Embora não haja feito nenhuma referência à história religiosa de sua família, dá-nos a conhecer o quadro em que ela se desenvolveu. Sobre o "cabeça" desta família, o "dignitário" Luiz Antônio de Souza Barros, cf. Antônio Egídio Martins, *São Paulo antigo*, t. II (São Paulo, 1912) pág. 169.

(73). — *Anais*, pág. 278-279.

(74). — *História dos Batistas do Brasil*, t. I, pág. 209-217.

Senador. Foi então que recebeu daquele missionário uma Bíblia que aceitou prontamente, pois, embora fôsse um bom católico, a sua esposa era filha de um antigo ministro diplomático da Suíça em Portugal, e que era protestante. Quando o seu irmão Benjamim, que havia ficado em Correntes, lhe pediu que enviasse livros de leitura para uma escola que haviam criado naquela localidade, Joaquim Nogueira Paranaguá enviou-lhe "textos" do Novo Testamento e cinco Bíblias. Estes textos foram usados pelos escolares, mas as Bíblias serviram ao Cel. Benjamim e a vários outros membros da família que, depois de lê-las, iniciaram a evangelização de seus vizinhos. Em 1896, o Cel. Benjamim foi avistar-se com o Rev. Taylor na Bahia para pedir-lhe que viesse a Correntes a fim de batizá-lo e bem assim aos seus convertidos. Só foi atendido em 1902 e durante estes cinco anos a comunidade que eles haviam criado viveu sem nenhuma assistência pastoral. Organizada finalmente pelos missionários, ela se desenvolveu e ao fim de 1906 havia no Piauí três Igrejas batistas com 130 membros professos; e a pequena escola de Correntes se havia transformado num Colégio. Foi então que Joaquim Nogueira Paranaguá se converteu. Embora sendo a origem de todo esse movimento, de tal forma se viu tomado por atividades políticas, no Rio, que não pôde acompanhar o seu desenvolvimento. Interessava-lhe então sobretudo o aspecto social do protestantismo e particularmente a propaganda em favor da instrução e contra o alcoolismo. Terminado o seu mandato de Senador aproveitou o tempo em que descansava numa de suas fazendas para, juntamente com sua esposa, estudar a Bíblia. Dessa leitura é que se converteram recebendo o batismo na Bahia. Compreende-se o que significavam essas conquistas para o protestantismo, tanto no Rio onde Joaquim Nogueira Paranaguá evangelizava os seus colegas da Câmara Federal e do Senado, como no Piauí, de que foi certo tempo Governador, e seu irmão Benjamim, Vice-Governador.

Os proprietários e os camponeses. O protestantismo brasileiro encontrou nestes aristocratas ou nestes "ilustres" o apôio e o exemplo que as famílias senhoriais convertidas à Reforma haviam dado à Europa do século XVI. Suas fortunas eram, neste fim de século XIX de que nos ocupamos, de base sobretudo rural e seus nomes já nos são conhecidos.

Os nomes de fazendeiros são numerosos ao estudarmos a origem das Igrejas protestantes do Brasil e pode-se dizer que a maior parte destas comunidades nasceram nas próprias fazendas. Assim, é na fazenda de Inácio Pereira Garcia, que nasceu a Igreja de Dois Córregos (São Paulo); e embora não tenha ele feito a sua pública profissão de fé, seus nove filhos aderiram ao protestantismo. Vicente Themudo Lessa nos mostra o missionário Chamberlain catequizando os escravos daquela fazenda e lhes ensinando

cânticos religiosos. Essa mesma família deu asilo, em outra de suas fazendas à Igreja vizinha de Jaú, construindo-lhe uma capela (75). E se a Igreja batista pôde implantar-se e desenvolver-se em Vila Afonso Cláudio (Espírito Santo), foi graças ao Cel. Ramiro de Barros, ali fazendeiro (76). Já vimos que auxílio idêntico lhe foi prestado pelos Peixotos, fazendeiros em Cambucí (Rio) além de outros no mesmo Estado, como por exemplo, João Emerick (Fazenda de Corrego sem Ponte). É a filha de um grande fazendeiro do Distrito Federal, d. Ana de Conceição Gonzaga, que a Igreja metodista deve a linda propriedade de Inhoaíba, onde instalou um de seus orfanatos (77). Estes grandes proprietários protestantes, grandes e bons, foram igualmente numerosos nos Estados do Norte e do Nordeste. Vemos citados, com relação apenas às Igrejas batistas, os nomes dos Lins, de Rio Largo (Alagoas), dos Cerqueira, de Irará (Bahia), de Inocêncio Barbosa Frias, de Limoeiro (Pernambuco), de Manoel Holanda Cavalcanti, de Cachoeira (Pernambuco) e do Cel. Armando Machado Vieira, proprietário do seringal de Parangaba (Acre).

A distinção entre fazendeiros e sitiantes é difícil e delicada; mas foram estes simples sitiantes que, em certas regiões, constituíram o ambiente privilegiado para o protestantismo brasileiro. Poderíamos quase dizer que se o protestantismo brasileiro nasceu deve-se aos sitiantes de Brotas, de Dois Córregos, de Rio Claro e de Borda da Mata, onde inicialmente se desenvolveu. Já citamos o nome dos Gouvêa. Lembremos mais o de Henrique Gomes que também tinha um sítio, entre Brotas e Piracicaba. Já era velho e completamente iletrado quando decidiu ler a Bíblia. Contratou um professor primário, reuniu seus filhos e seus netos, tomou os óculos e segurando-os nas mãos sentou-se entre os demais. Aprendeu a ler, leu a Bíblia, compreendeu-a e professou a sua fé. Foi depois eleito e ordenado presbítero e era com admiração que o ouvíamos orar e exortar os seus irmãos, numa linguagem simples, alegórica e bíblica, com um forte sotaque de caipira paulista (78). Próximo a São Paulo, Henrique José de Camargo, que havia feito a sua profissão de fé na Igreja Presbiteriana da capital, abriu em seu sítio de Motinga um trabalho evangélico que se deslocou para Osasco e ali se transformou, constituindo-se na atual Igreja de Osasco (79). Na *Autobiografia* do Rev. Bento Ferraz citada em nossa bibliografia, se encontram pormenores interessantes sobre os pequenos proprietários protestantes da região de Araraquara nos primeiros tempos.

(75). — *Anais*, pág. 128 e 377. Vejam-se também, à pág. 629, os serviços prestados por Antônio de Padua Dias à Igreja presbiteriana em São Bartolomeu de Cabo Verde, localidade que se chamou Padua Dias após a sua morte, em 1901.

(76). — *História dos Batistas do Brasil*, t. I, pág. 250.

(77). — *Laçona Glenn, D. Ana de Conceição Gonzaga*, (São Paulo, 1949). A capela metodista de Barra Mansa (Rio) foi construída em 1898 pelo Major Quintino José de Medeiros, em sua fazenda.

(78). — Segundo nos conta Eduardo Carlos Pereira em um artigo sobre Antônio de Cerqueira Leite, in *Estandarte*, 4-12 de janeiro de 1912.

(79). — *Anais*, pág. 204.

da República; e na obra de D. Maria de Melo Chaves, *Bandeirantes da Fé* existe um quadro em que, sem exagerar o seu valor histórico e o seu interesse podemos ver quais as situações do Triângulo Mineiro que se converteram ao protestantismo. E para finalizar o estudo dêste meio tão particularmente interessante reproduziremos um retrato traçado por Vicente Themudo Lessa (80) de um velho fazendeiro de criação de Lençóis, em tudo parecido àquêlê velho fazendeiro ou mercador de animais darbista, metodista ou *quaker* das velhas campanhas huguenotes da França:

“Havia sido um grande pecador, tornou-se depois grande propagandista. Mas, devido talvez ao fato de haver sido um grande transgressor da Lei, continuava em suas conversações de propaganda a apresentar o lado severo. Em vez da Graça divina dava ênfase ao castigo eterno dos maus. Via em tudo quanto era reprovável o braço de Satanaz, do qual os maus eram sequazes. Havia feito longas viagens ao Rio, por mar e por terra, conduzindo porcadadas para a Côte (na velhice criava os seus porcuzos por anos seguidos. Eram verdadeiras massas de toucinho). Naquelas viagens relacionava-se com pessoas crentes”.

Como havia acontecido na Europa, com a Reforma, a adesão de proprietários, grandes e pequenos, trazia consigo a de uma parte de seus agregados e dos trabalhadores agrícolas que os cercavam. Estes últimos eram atraídos, sobretudo pela atmosfera quente e afetuosa destes pequenos grupos protestantes, pela grande importância que aí se dava aos cânticos (e nós sabemos o quanto o povo brasileiro é sensível à música) e também, muito legitimamente, pela espécie de elevação social em que resultava a sua admissão em igualdade com os “ilustres”, além da própria ação do Evangelho. E assim se constituia entre estes camponeses uma classe popular que dava às Igrejas reformadas do Brasil uma constituição socialmente normal. Não faltaram nem mesmo escravos (enquanto êles existiram) na constituição das Igrejas protestantes. Dentre os onze proslitos que a comunidade presbiteriana de São Paulo recebeu em 1879, contavam-se 5 escravos negros. Mas quase sempre eram empregados domésticos que adctavam a religião de seus patrões; outras vêzes as convicções eram independentes e em alguns casos, opostas mesmo a de seus senhores: uma das escravas negras de 1879, Felismina, esperou por quatro anos a permissão de seu senhor à sua profissão de fé (81).

(80). — Anais, pág. 270.

(81). — Anais, pág. 168 e 188. A História dos Batistas do Brasil conta-nos também, à pág. 62 do t. I, a história de um escravo que recebia maus tratos de seus senhores por ser um membro piedoso da Igreja batista da Bahia. Seria interessante estudar a atitude do protestantismo nascente em face à escravidão. Já nos referimos à atitude de alguns dos Sulistas e também à brochura abolicionista do Rev. E. C. Pereira, *A religião cristã em suas relações com a escravidão* (1886). Nesse mesmo ano o Presbitério presbiteriano discutiu o problema da escravidão lembrando, em suas conclusões, a declaração da Assembléia Geral Presbiteriana dos Estados Unidos, de 1818, condenando a escravatura. No Presbitério de 1887, E. C. Pereira propôs a seguinte moção: “Este Presbitério,

As gentes da cidade e os intelectuais. Tal como as diversas classes sociais, também as diversas profissões viram-se

penetradas pelas novas idéias. Quando não fôsse pela conversão de seus representantes à Reforma, eram os jovens prosélitos que nelas vinham tomar lugar. Se o famoso general Abreu e Lima nunca aderiu ao protestantismo, que defendeu arduamente em célebre polémica, o Contra almirante Sebastião Caetano dos Santos (irmão de um renomado ator) morreu, em 1900, como membro da Igreja do Rio a cujos cultos assistia também o coronel médico Fausto de Souza (82). O alferes Cícero Barbosa tornou-se pastor presbiteriano em 1902 e dirigiu as Igrejas de Goiana, Palmares, Gameleira e Manaus, antes de se retransformar, em 1913, em comandante de fortaleza.

Os pastores presbiterianos Trajano, Miguel Torres e Vicente Themudo Lessa começaram a vida como comerciários. Um dos primeiros membros (depois de 1863) e que se tornou logo uma das colunas mestras da Igreja Fluminense, foi o industrial e negociante, de origem portuguesa, conhecido por José Luiz Fernandes Braga (1842-1920) que pela sua importante fábrica de chapéus e por suas outras atividades comerciais foi uma das personalidades mais importantes da economia brasileira de seu tempo (83). Teve, é certo, uma espécie de rival na mesma Igreja e nos negócios: Domingos Antônio da Silva Oliveira, diretor da grande fábrica de calçados Clark e de muito crédito na praça do Rio (84). A *História dos Batistas do Brasil* cita, entre os melhores colaboradores da denominação, o engenheiro F. de Miranda Pinto que ocupava um cargo muito importante na Cia. Leopoldina Railway, e o rico comerciante de Santos, Manoel de Melo que, uma vez convertido, gastou toda a sua fortuna fundando e mantendo Igrejas (85).

desejando ardentemente que o Brasil se liberte do grande mal da escravidão, vê com alegria afirmar-se no terreno sólido da consciência cristã, a propaganda abolicionista". Não se sabe se tal moção foi aceita (*Anais*, pág. 264, 297). Mas não parece que os protestantes tenham tido outra atitude. Pouco depois de ter sido recebido na Igreja Presbiteriana de São Paulo, em 1870, Júlio Ribeiro, o futuro romancista, ali trouxe para ser batizado um pequeno escravo a quem logo libertou, bem como a sua mãe. Ao que parece, nos Estados do Sul, os alemães, em grande parte protestantes tiveram muito poucos escravos: em São Leopoldo o seu número era bastante reduzido, e Hermann Blumenau não os quis em sua colônia. Entretanto foram, menos os princípios e mais as razões econômicas que se consideraram: os colonos eram muito pobres para que pudessem sustentar uma mão de obra pouco ativa. Nas regiões em que os alemães estavam submetidos a uma economia escravagista, eles se conformavam. A colônia Leopoldina, ao sul da Bahia, contava, em 1853 com apenas 25 trabalhadores livres para 1245 escravos que, aliás, garantiram a sua sobrevivência sob um clima terrível. Por outro lado, a atitude extremamente dura dos alemães, sem distinção possível de culto, contra os indígenas que não eram para eles mais do que "bugres" que se deviam exterminar, não nos permite emprestar-lhes um idealismo particular relativamente aos negros. Cf. Emilio Willems, *Aculturação dos Alemães no Brasil*, pág. 342 e seguintes.

(82). — *Anais*, pág. 341, 612.

(83). — *Esboço Histórico*, pág. 440-450.

(84). — *Ibidem*, pág. 460. Sobre a célebre Casa Clark consulte-se Ernesto Senza, *O Velho Comércio do Rio de Janeiro* (Rio, s. d.) pág. 160.

(85). — T. I, pág. 277 e t. II, pág. 110.

Artesãos e operários das cidades contribuíram também para a constituição das primeiras Igrejas brasileiras e de seu ministério. O pastor presbiteriano, José Zacarias de Miranda e Silva, havia começado a vida como alfaiate; o seu colega João Batista de Lima, como sapateiro (86). As Igrejas batistas deveriam igualmente, por tradição, dar-nos exemplos análogos: o funileiro João Batista foi um de seus primeiros e melhores pastores, na região da Bahia; foi o alfaiate Pasquale Giuliano que deu início à obra batista em Piracicaba (87); e o historiador dos batistas presta homenagem ainda a simples senhoras do povo, d. Felicidade, de Recife, e d. Januária, da comunidade de Tijuca, no Rio, que “analfabetas, pobres e modestas, mas inteligentes e distintas, sabiam testemunhar o poder do Evangelho e levar as almas ao conhecimento de Cristo” (88). Não poderíamos deixar de citar este chinês, José Achau, batizado em 1872, na Igreja do Rio, e que deixou as suas economias para a fundação de um hospital evangélico; e mais, José Barbosa, um dos primeiros convertidos da mesma Igreja e que, levando uma vida de privação, recusou os encargos de diácono e de presbítero para servir como um porteiro benévolo da comunidade (89); e este antigo escravo, carteiro rural, que, aprendendo a ler depois dos cinquenta anos se aproveitava de seu ofício para espalhar o Evangelho (90).

Enfim, vimos pelo exemplo do Dr. Miguel Vieira Ferreira que os intelectuais se interessavam pelo protestantismo nascente. A Igreja presbiteriana teve, desde seu início, poetas e romancistas que a serviram na composição de seus hinos. O poeta A. J. dos Santos Neves, morto em 1874, além daquêlê trabalho foi um dos fundadores, com o Pe. Conceição, da *Imprensa Evangélica* (91), e o famoso romancista Júlio César Ribeiro Vaughn (1845-1890) admitido na Igreja de São Paulo, em 1870, auxiliou durante vários anos pregando e traduzindo diversas obras protestantes. A morte de sua primeira espôsa e suas dificuldades com o missionário Chamberlain é que o tornaram o autor materialista de “A Carne”. Sua segunda espôsa, que mais tarde fêz a sua profissão de fé na sua antiga Igreja, nos testemunhou que Júlio Ribeiro morrera fiel às suas primeiras esperanças (92). O grande Vital Brasil foi a um tempo membro da Igreja presbiteriana de São Paulo, e os pastores do Rio presidiram aos seus funerais na velha capela metodista do Catete. Advogados e médicos aderiram ao movimento evangélico.

(86). — *Anais*, pág. 142 e 200.

(87). — *História dos Batistas do Brasil*, t. I, pág. 55 e 303. O pastor batista Adrião Bernardes, de quem falaremos mais tarde, também começou a sua vida nesse mesmo ofício. Cf. Ginsburg, *Um judeu errante no Brasil*, pág. 195.

(88). — *Ibidem*, pág. 260 e 99.

(89). — *Anais*, pág. 391 e 191.

(90). — Ginsburg, *Um judeu errante no Brasil*, pág. 59.

(91). — Veja-se a sua biografia escrita pelo Rev. Herculano de Gouvêa, em 1920.

(92). — *Anais*, pág. 78-84.

Mas foi no campo da Educação que êle foi recebido com simpatia tôda especial. A segunda geração protestante haveria de contribuir na criação das Universidades; e na época a que nos referimos foi a ligação íntima bem conhecida do século XVI, entre a Reforma e os diretores de colégios e "pequenas escolas", que beneficiou o protestantismo brasileiro. Remígio de Cerqueira Leite, um dos leigos mais ativos da Igreja presbiteriana de São Paulo, era professor na Escola da Praça da República. A Igreja batista de Natal foi criada por um antigo professor desta cidade, Joaquim Lourival da Câmara (93). Um dos melhores pastores desta denominação, Tomaz de Aguiar, houvera sido professor em Manaus antes de tomar a direção da Igreja desta cidade (94). Em ambos êstes casos o crédito de que desfrutavam valeu, para as suas comunidades, a adesão de membros da mais alta sociedade. Numerosas professoras públicas tiveram a mesma importância, tais como d. Arquimínia Barreto e sua irmã, Jaquelina, da Igreja batista da Bahia (95) e ainda d. Ermelinda de Souza Melo, professora em Alagoas, e a quem o vigário local fêz remover por haver ela criado um ponto de pregação batista (96).

(93). — *História dos Batistas do Brasil*, t. I, pág. 129.

(94). — *Ibidem*, t. II, pág. 54 e 134.

(95). — *Ibidem*, t. I, pág. 150.

(96). — *Mein, História dos Batistas de Alagoas*, pág. 43.

CAPÍTULO IV

AS REAÇÕES CATÓLICAS

O protestantismo brasileiro, com sua alma — as Igrejas e seu corpo, uma sociedade normalmente constituída do ponto de vista sociológico — se apresentava assim, em fins do século XIX, em todo o seu vigor, confiante em seu futuro e em sua missão. As reações exteriores e as dificuldades internas haveriam de submetê-lo, entretanto, a uma primeira prova.

Como era de se esperar as reações exteriores partiram sobretudo do catolicismo. Os “propagandistas” protestantes não haviam, a princípio, ultrapassado os limites de uma simples evangelização sem atacar propriamente o catolicismo; entretanto, as autoridades eclesiásticas católicas já haviam advertido os seus fiéis contra a tentação das novas doutrinas; como o arcebispo da Bahia, por exemplo, ao tempo de Feijó e de Kidder; e ao que se sabe Kidder não se mostrou escandalizado nem tomou qualquer atitude de reprovação contra aquela medida. Mas a indivíduos como Kidder, como o Pe. Conceição e Miguel Vieira Ferreira, — que sabiam distinguir na tradição católica do país, os elementos verdadeiramente evangélicos que explicavam as necessidades religiosas do povo e por si mesmos preparavam a resposta evangélica contida na mensagem protestante — sucedeu uma propaganda francamente agressiva e muitas vêzes injusta. “Por algum tempo, escreve o missionário batista Crabtree (1), os evangélicos confiaram muito na polémica e atacaram fortemente os erros católicos. Aprenderam, gradualmente, os batistas mais depressa que os outros evangélicos, que a melhor apologia evangélica não é atacar o catolicismo, mas apenas apresentar o evangelho na sua simplicidade”. Não é bem certo que a denominação em apreço, à qual pertencia o pacífico autor da *História dos Batistas*, se tenha revelado assim compreensiva, desde esse tempo; mas o que êle nos diz a respeito dos hábitos polémicos dos primeiros propagandistas é mais claro e significativo do que as próprias palavras que, sobre o mesmo assunto, saíram da pena de um “brasil-ritualista” (tal como existem os “anglo-ritualistas”), o Reverendo e atualmente Bispo Salomão Ferraz (2).

(1). -- *História dos Batistas do Brasil*, t. I, pág. 328.

(2). -- No seu livro *Princípios e Métodos* (Rio Claro, 1915), de que voltaremos a falar, bem como de seu autor, encontram-se aspectos valiosos e conformes aos ensinamentos da Reforma.

A responsabilidade desta atitude agressiva poderia ser atribuída aos numerosos padres que, segundo nos conta o Pe. Conceição, deixaram o catolicismo para serem admitidos nas Igrejas protestantes brasileiras e, muitas vêzes, no seu próprio corpo pastoral. Alguns dêles foram indivíduos de grande projeção e muito conhecidos em seu tempo, como Francisco Rodrigues dos Santos Saraiva (1834-1900) que, pelos seus conhecimentos de filologia, especialmente hebraica, foi um dos amigos pessoais de D. Pedro II (3); Antônio Teixeira de Albuquerque (1840-1887), alagoano, que foi o primeiro pastor batista de Maceió, depois de ali mesmo ter sido vigário (4), e antigo cura de Conservatório (Estado do Rio); Antônio Lino da Costa (1850-1913), sobrinho do bispo D. Sebastião Pinto do Rego, que passou para o ministério presbiteriano (5); Hipólito de Oliveira Campos, antigo vigário de Juiz de Fora e pertencente a ilustre família e que, abandonando o sacerdócio católico após vinte e seis anos de trabalhos, se tornou pastor metodista (6); e mais os cônegos Dr. Honório Benedito Ottoni (7) e José Domingos Batista (8). A maior parte dêstes sacerdotes passados para o protestantismo escreveram as suas experiências no clero e suas conversões dando assim à polémica anti-católica as primeiras armas de que êles mesmos se serviram. Êles teriam, certamente, mostrado a mesma discrição do Pe. Conceição, se as Igrejas às quais aderiram não houvessem — o que supomos — dado o seu apóio à exploração que se fez em tórno às suas conversões.

Na realidade o anti-catolicismo agressivo destas Igrejas era ainda uma herança do "antipopery" (9) dos não-conformistas britânicos, acrescido do caráter defensivo e tímido de que se revestem tôdas as ideologias nos Estados Unidos, segundo observa André Siegfried. Uma herança também da estreteza eclesiástica, que

(3). — Leia-se a seu respeito, além dos *Anais*, pág. 323-325, a nota biográfica que seu filho Eliezer Saraiva publicou na reedição (São Paulo, 1932) de seu livro: *O catolicismo romano ou A velha e fatal ilusão da Sociedade*. Deve-se a ele igualmente uma esplêndida tradução dos Salmos, *A harpa de Israel*.

(4). — *Anais*, pág. 390-392. Sua obra *Três razões porque deixei a Igreja Romana* foi reeditada no Rio, pela Casa Publicadora Batista, em 1945. Essas razões eram: a transubstanciação, o celibato dos padres e a confissão absoluta.

(5). — *Anais*.

(6). — Publicou, em 1919 uma *Miscelânea Religiosa anti-católica*. Kenney, *Cinqüenta anos de metodismo*, pág. 106 e 114; *História dos Batistas*, t. I, pág. 292-273.

(7). — *Anais*, pág. 641, *História dos Batistas*, t. I, pág. 93, 152-155.

(8). — Publicou, entre 1898 e 1900, a sua autobiografia, *Cinqüenta anos em cativeiro*, na *Nova Vida*, jornal batista da Bahia. Citam-se também, neste fim de século XIX, os nomes de João Francisco da Cruz e dos italianos Constâncio Onegna, Luiz Fideli e José Piani, êstes dois últimos Salesianos, que se converteram em reação às violências contra os protestantes da região de Recife, onde viviam; *Anais*, pág. 550, 569; *História dos Batistas*, t. I, pág. 231. Alguns dêstes primeiros sacerdotes convertidos ao protestantismo não perseveraram na nova fé, tais como Jean Caperan, Maximiliano Chagas e Guilherme Dias que fora um antigo vigário de Pelotas (Rio Grande do Sul), e por algum tempo pastor em Portugal, editor (por volta de 1887) do jornal *A Reforma* e autor de controversas anti-católicas; *Anais*, pág. 305, 322, 325.

(9). — "Antipapismo"; (Nota do tradutor).

especialmente lá transformou o multitudinismo calvinista em Igrejas de membros professos. Este fato se observa especialmente na prática, a mais irritante, para o modo de ver católico, e que igualmente escandaliza os protestantes europeus, de rebatizar os prosélitos vindos da Igreja Romana. Seria natural que assim procedessem os batistas (e denominações afiliadas) cuja teoria e técnica de batismo diferem substancialmente das de outras Igrejas cristãs; mas dentre os pedobatistas, como presbiterianos e metodistas, tal prática significa um duplo desvio doutrinário: a tendência a se colocar na posição batista e a fazer do batismo o sinal e o cumprimento de uma decisão individual, do que dependeria a admissão na Igreja — concepção segundo a qual o valor em si do batismo dependeria não do respeito ao ritual e à fórmula ensinada por Cristo, e sim da fidelidade evangélica da comunidade (para não se dizer de quem o celebra) que administra o batismo. Assim acontece que muitos crentes pretendem novo batismo tôdas as vêzes que passam de uma para outra denominação, mesmo que professem' elas a mesma doutrina batismal. Os prosélitos vindos do catolicismo não podem pois lamentar-se por serem tratados desfavoravelmente ou por acreditar existir alí uma demonstração de hostilidade especial contra a sua antiga Igreja. Mas, observemos ainda que esta prática, contraria os ensinamentos da Reforma (10) (que apenas exigia a abjuração dos erros, sòmente dos erros da Igreja Romana), transportou-se para o protestantismo brasileiro vinda de suas "Igrejas-Mães" dos Estados Unidos. Em 1845, a Assembléia Geral das Igrejas Presbiterianas da América do Norte decidiu que os católicos deveriam ser rebatizados. Em 1875, atendendo aos protestos dos Reformadores, deixou que a decisão fôsse tomada livremente pelas Igrejas locais o que, em assunto de tal importância e em se tratando de Igrejas não congregacionalistas, é uma espêncida confissão de incapacidade teológica. Assim, entregues a si mesmas, a maior parte dessas comunidades caíram num exclusivismo que se transmitiu às Igrejas do Brasil. Em São Paulo, a Igreja presbiteriana, em 1881, celebrou novo batismo a um italiano vindo da Igreja valdense, considerando que tendo nascido católico não havia sido rebatizado ao passar por esta seita reformada (11); estabele-

(10). — Estes ensinamentos são lembrados, perfeitamente, pelo teólogo Charles Hodge, *Church Polity*, pág. 213:

"E doutrina protestante que o batismo não inicia o recipiente em qualquer Igreja particular, mas na Igreja Universal... Ninguém se torna episcopal, presbiteriano ou metodista pelo batismo; porém, depois do batismo é que eles se unem a qualquer corporação que lhes apraz. Ninguém, portanto, se tornou papista pelo fato de haver sido batizado por um papista. Segue-se daí que a validade do batismo não depende do caráter da particular denominação a que pertence o ministrante, porque ele não age em nome dessa denominação, mas como um membro da Igreja Universal. Nós mantemos portanto que o batismo romano é válido, válido para tornar o recipiente membro da Igreja Universal, por ser um lavar com água em nome da Trindade com o fim de significar, selar e aplicar os benefícios do pacto da Graça" (citado por S. Ferraz, *Princípios e Métodos*, pág. 79).

(11). — *Anais*.

cendo-se, a partir daí, por decisão de sua Assembléia Geral de 10 de fevereiro de 1916 a regra que deveria ser observada naqueles casos (12).

As manifestações mais comuns e mais inofensivas das reações católicas se fizeram através de inscrições, apelidos e cantigas já conhecidas das minorias protestantes na Europa e às quais não se presta atenção alguma. Dizia-se também que as conversões ao protestantismo eram feitas a péso de dinheiro: vinte cruzeiros para um branco, quinze para um mulato e dez para um negro (13) (cousa semelhante aconteceu na província francesa de Auvergne, em fins do século XIX, em que se dizia que um evangelista apresentava um guarda-chuva a cada convertido). Mas era preciso não esquecer que o dinheiro dos protestantes lhes era enviado pelo diabo e se transformava em carvão nas mãos de quem o aceitasse. Certo dia a diretora do Colégio de Lavras, Miss Charlotte Kemper, "estava comprando bananas à porta de sua casa. O vigário morava perto e a sua criada resolveu verificar se o dinheiro de fato virava carvão. Como isso não se desse, ela foi dizer ao vigário, e éste explicou o caso desta maneira: elle mesmo havia previamente abençoado o dinheiro" (14). Outra forma de reação foi o boicote dos propagandistas; mas a gentileza e a sensibilidade das populações brasileiras nunca permitiram que mulheres e crianças viessem, dessa forma, a perecer de fome. Menos inofensiva, é certo, foi igualmente pouco eficaz — e elles sempre encontraram abrigo no seio das populações. Acostumaram-se logo ao tratamento que lhes davam; chamados de "bodes", aceitaram o novo apelido com a mesma facilidade com que os "parpailots" (15) de certas regiões da França se deixam ainda hoje chamar de "gorges noires" ou de "ventres bleus". Mas a excelente Miss Charlotte quis restabelecer a verdade — o que era mais fácil para o seu caso, descalçando-se para mostrar que seus enormes sapatos não cobriam pés diabólicos e bifurcados (16). Por outro lado éstes famosos "bodes" contribuíram para o folclore local e para a poesia popular, inspirando canções aos vigários e que eram cantadas pelas crianças ao redor dos missionários e seus prosélitos. Lembremos duas dessas can-

(12). — De acórdio com esta decisão o Presbitério Presbiteriano de Sorocaba acaba de decidir que um ministro vindo da Igreja episcopal, com batismo católico e não rebatizado nesta Igreja, deve receber o "batismo cristão", "conforme as praxes cristãs".

(13). — Philippe Landes: *Refutação da Conferência de D. Aquino sobre Imperialismo e Protestantismo* (São Paulo, 1929).

(14). — Sydenstricker, *Carlotta Kemper*, pág. 33.

(15). — Nome insultante que se dava, em França, aos calvinistas, e que por extensão significa "ímpio" (*Nota do Tradutor*).

(16). — O missionário americano Mein pretende (*Os Batistas em Alagoas*, pág. 9) que este apelido, que parece inquietá-lo sobremaneira, se originou da barbicha do Rev. Smith, presbiteriano, que em 1874 tentou uma obra de evangelização em Macció, e que realmente "usava cavagnac". Aceitemos também a hipótese de uma possível caricatura corrente do Tio Sam, com sua barbicha e seus grandes pés, e em quem o espírito caustico do povo certamente encontrou pontos de aproximação com a "coisa ruim".

ções, que nos parecem significativas, cantadas em Alagoas, (em 1921 ou 1923, não importa). A de Lage de Canhoto, primeiramente (17).

No beco do hotel
Ninguém mais pode passar
Com os bodes e bodinhas
Todos êles a berrar.

Esta gente aqui na Lage
Quer ser cousa adeantada.
Nas garras de nós, católicos,
Não dá nem uma pitada!

Refrão:

Oh! pé de bode...
Pé de bode tentador (bis)
Tens os pés tão grandes
Que és capaz de pisar Nosso Senhor (bis).

Esta canção era cantada com a música de "Pé de Anjo" conservado o mesmo entusiasmo. O autor (pelo menos o autor indicado por uma das vítimas), o vigário Xavier Thuet era sem dúvida algum francês já habituado a esta guerrilha de cantigas; e aliás, o interesse ali revelado pelas "bodinhas" não nos permite outra hipótese... A outra canção, atribuída ao vigário de Rio Largo (18), é nitidamente portuguesa; não há ironia nem frivolidade, mas apenas um misticismo sebastianista:

Meu glorioso Sebastião.
Meu Santo que podes,
Livrai-me da peste
E dos malditos bodes.

Si o sangue tivesse
O novo batismo
Livrai-me da peste
E do protestantismo.

Refrão:

Oh! martir de Cristo,
Tem de mim compaixão,
Livrai-me dos bodes,
São Sebastião!

Mas não era tudo (19). O clima de hostilidade e maldade assim criado deveria trazer, como de fato trouxe, manifestações

(17). — *Ibidem*, pág. 45-46.

(18). — *Ibidem*, pág. 68-69.

(19). — Mais violentas e mais pitorescas são as modinhas anti-protestantes reunidas por Leonardo Mota em *Violeiros do Norte* (São Paulo, 1925) e que o nosso colega Roger Bastide gentilmente nos lembrou. O poeta local, Nabuco de Campos, imaginando uma discussão, em um trem, entre um católico e um protestante, que acaba sendo vencido, assim descreve os adeptos da nova fé:

Com lágrimas do Diabo
E baba duma serpente,
Carvão de osso de sogra
Com intriga de parente,
Fizeram um Nova Seita,
Magro, amarelo e doente.

mais graves, que foram catalogadas por um pastor batista, sob título prometedor (20). Referente sobretudo à história de sua denominação, a sua obra não é completa, esquecendo-se êle de lembrar, especialmente, as sevícias sofridas pelo Dr. Kalley, às quais já nos referimos, e de que êle haveria de lamentar-se. Damos a seguir um quadro relativo às medidas mais graves tomadas contra o protestantismo com o objetivo apenas de mostrar os fatos claramente, sem pretender envenenar a atmosfera e a história de um país:

1873, mês de março, em Recife: Os cultos e reuniões congregacionalistas foram interrompidos pelas autoridades, ficando interditados até 3 de agosto (*Esbôço histórico*, pág. 302).

1873, 22 e 24 de outubro, em Recife: A polícia impede ao Dr. Kalley a realização de cultos e celebração de um casamento, permitindo que se insultem aos protestantes que foram apedrejados (*Ibidem*, pág. 304).

1877, 26 de abril, em Jaú (São Paulo): O Rev. Dagama e um propagandista foram acusados e ameaçados (*Anais*, pág. 147).

1880, em Caldas (hoje, Parreiras) (Minas): O Rev. Chamberlain se encontrava ali ao mesmo tempo que o bispo de São Paulo; foi o bastante para que grupos fanáticos tomassem as suas prédicas como um desafio ao bispo e apedrejassem a sua casa. Êste fato mereceu os protestos de Saldanha Marinho, na Câmara (*Ibidem* pág. 183).

Fins de 1882 e princípios de 1883, na Bahia: A multidão amotinada e a polícia com ela, impediram que se realizasse uma cerimônia de batismo na praia, alegando as autoridades tratar-se de exercício público de culto e provocação de desordem. Por intervenção da imprensa liberal, as autoridades policiais finalmente receberam ordens favoráveis aos protestantes (*História dos Batistas*, t. I, pág. 56-59).

1883, mês de junho, em São Bernardo (São Paulo): O vigário da aldeia impediu que fôsse enterrado no cemitério local o corpo de um menino, filho de um italiano presbiteriano que assim teve de trazê-lo, num cesto, até São Paulo. Protestaram contra aquela ocorrência a *Província de São Paulo*, o *Jornal do Comércio*, do Rio, e o Senador Correa, do Paraná, junto ao Senado Imperial (*Anais*, pág. 234).

André Gomes de Barros diz que o "Nova Seita" é pior que o urubu, que ao menos respeita a casa de Deus. Manuel Vieira de Paraíso descreve o casamento de um "Nova Seita" com a filha do Diabo. Já existe um tema que poderia ser estudado em todas as literaturas populares. Leia-se, por exemplo, em Croce, na sua *Storia del Regno di Napoli*, a narração feita por um poeta dos Abruzzos sobre a instalação do protestantismo numa localidade dessa província.

(20). — Pedro Tarsier, *História das perseguições religiosas no Brasil* (São Paulo, 1930), 2 volumes.

1884, em São Paulo: Protestos da imprensa e tumultos contra a edificação, na rua 24 de Maio, do templo da Igreja Presbiteriana, que não guardava a discrição exigida pela Constituição de 1824. Entretanto, o templo ali foi construído tal como se planejara (*Ibidem*, pág. 225).

1884, na Bahia: Encarceramento por um mês de soldados que assistiam aos cultos presbiterianos; sevícias contra um escravo que era membro da Igreja batista; apedrejamento da sala em que pregava o Rev. Bagby que saiu ferido na cabeça (*História dos Batistas*, t. I, pág. 62).

1884, em Juiz de Fora (Minas): Apedrejamento da sala em que os metodistas ali iniciavam o seu trabalho de evangelização (*Kennedy*, pág. 37).

1885, em Piracicaba (São Paulo): Protestos, sem resultado, do vigário daquela paróquia contra o levantamento de um campanário na capela metodista (*Ibidem*, pág. 40).

1886: Violências, muitas vèzes com a cumplicidade da policia, contra os protestantes de Lençóis, Sta. Cruz do Rio Pardo, Sta. Cruz das Palmeiras e Ubátuba, em São Paulo, Areado e Rio Novo, em Minas, Laranjeiras, em Sergipe, Independência, na Paraíba, e em Recife. Em Fortaleza a Assembléia Legislativa estabeleceu o imposto de 500 mil réis para os vendedores de Bíblias e de livros não católicos (*Ibidem*, pág. 48. *Anais*, pág. 270-272).

1887, em Pão de Açúcar (Alagoas): Foi apedrejada a casa do Rev. Smith. Saiu acompanhado de sua senhora, o que impediu aos malfeteiros — que se mostraram “delicados nesse ponto” — de incomodá-lo ainda mais (*Anais*, pág. 299).

1887, em Santa Maria (Rio Grande do Sul): O chefe de policia daquela província fêz cerrar as portas da capela protestante por existir nela um campanário (*Willems, Aculturação dos alemães no Brasil*, pág. 465).

1890, em Embaú (São Paulo): O Rev. Benedito de Campos foi expulso da cidade pela população tendo as autoridades municipais à frente (*Anais*, pág. 359).

1890, em Pôrto Belo, (Santa Catarina): O vigário não permitiu que se enterrasse no cemitério local um brasileiro protestante (*Ibidem*, pág. 359).

1893, em Ubá, (Minas): Violências graves (facadas, chicotadas e pauladas) contra dois pregadores metodistas (*Kennedy*, pág. 75).

1894, em Campos (Rio de Janeiro): Os inimigos do Rev. Ginsburg, aproveitando-se do fato de a cidade estar sob estado de sítio,

pela revolta da Armada, fizeram-no aprisionar, além de outras sevícias (*História dos Batistas*, t. I, pág. 114).

1894, em Pimenta (Minas): Agressões físicas contra o Rev. Armstrong que pronunciava uma conferência religiosa (*Anais*, pág. 469).

1895, em Nazaré (Pernambuco): Foi incendiada criminosamente a sala de cultos aberta pelo missionário batista Entzminger. Foi preciso que o Governador do Estado, Barbosa Lima, intervisse para proteger os protestantes ameaçados de maiores desastinos (*História dos Batistas*, t. I, pág. 100).

1896, em Campos (Estado do Rio): A multidão amotinada, acreditando que os protestantes fôsem responsáveis por um roubo profanatório, na Igreja paroquial, cercou e apedrejou a sua sala de cultos, sendo necessária a intervenção da cavalaria policial para dispersá-la. Naquêle mesmo ano, em São Fidelis e Guandú houve outras manifestações hostis aos protestantes (*Ibidem*, pág. 173).

Embora tão lamentáveis quanto sejam, estes incidentes foram, por muito tempo, esporádicos e sem grande gravidade; duas regiões, entretanto, o Estado do Rio e o Nordeste foram particularmente vítimas, criando-se nelas uma atmosfera de tensão progressiva. É que nessas regiões houve o choque de elementos caracteristicamente ofensivos, tanto do lado católico como protestante, aos quais se aliaram personagens políticas transformando as discussões religiosas, muitas vêzes, em lutas políticas.

Os elementos antagonistas a que nos referimos eram alguns propagandistas batistas e certos religiosos, sobretudo estrangeiros. Quanto aos primeiros, o historiador daquela denominação, o Rev. Crabtree revela seu julgamento ao elcgiar, repetidas vêzes, o fundador daquela Missão, o Rev. Bagby que, diz-nos êle, "não chamava muita atenção para si, procurava evitar perseguição, não era muito dramático em seus métodos de trabalhar" (21), "sabia evitar conflitos e perseguições que, às vêzes, contribuem para a propaganda do Evangelho e, às vêzes, para uma certa superficialidade dos crentes, que entendem que sua missão principal é de combater o catolicismo" (22). O mais excitado destes batistas "dramáticos" era o Rev. Salomão Ginsburg que provocou muitas vêzes a perseguição contra êle móvida: para termos uma idéia bastará ler a sua autobiografia, *Um judeu errante no Brasil*, a partir do momento em que rompendo com a Igreja Fluminense do Rio, muito circunspecta, foi dirigir os trabalhos batistas nos campos da Bahia e de Pernambuco, e do Estado do Rio e do Espírito Santo, precisamente as zonas em que, no Brasil, houve os conflitos mais graves. Do lado oposto, alguns destes religiosos europeus, ou pelo menos educados na Europa,

(21). — *História dos Batistas*, t. I, pág. 165.

(22). — *Ibidem*, pág. 300.

e que já haviam alimentado a luta anti-maçônica ao tempo da célebre "Questão dos Bispos", trariam novo entusiasmo à polémica anti-protestante com o belga De Lombaerde que, em matéria religiosa, era um segundo Pe. Júlio Maria. Dcm Vital, ou o Pe. Júlio Maria ao tempo de que falamos, era Frei Celestino de Padovali, italiano, que, desde 1879, se batia contra o protestantismo nos jornais de Recife (23) antes de se tornar célebre pela sua "Liga contra os protestantes" e suas fogueiras de "Bíblia falsas".

Agravando e complicando o choque destas duas intransigências, os partidos políticos entrarem na luta. O protestantismo, por muito tempo quase que inexistente no Brasil, havia sido no campo da política apenas uma tema de discussões teóricas entre o partido católico e os liberais. Já vimos os primeiros torneios na Constituinte de D. Pedro I, a propósito da "liberdade pródiga" de consciência, e os primeiros acordos, sob D. Pedro II, a respeito do casamento dos protestantes. As discussões parlamentares sobre a ilegitimidade dos protestantes — de que se occuparam as Câmaras quando não tinham nada mais a discutir, de 1879 até à queda do Império (24) — deram aos chefes liberais a oportunidade de lindos discursos, como especialmente o de Joaquim Nabuco, em fevereiro de 1879, com o qual inaugurou a sua atividade parlamentar: "Em matéria religiosa o direito de um só é tão perfeito e completo como o direito de todos" (25). Dir-se-ia que se estava em pleno academismo. Mas, onze annos mais tarde o Decreto 119-A de 7 de janeiro de 1890, redigido por Rui Barbosa, com a colaboração de Dcm Macedo Costa, arcebispo da Bahia, concedia, ao que se sabe, a mais completa liberdade ao protestantismo, incluído na totalidade das "crenças ou opiniões filosóficas ou religiosas" (note-se a ordem destes adjetivos que é muito significativa) que o espírito engenhoso do Homem, e especialmente do brasileiro, houvesse inventado ou viesse a inventar.

Seria necessário, ainda, descer à applicação destes belos princípios tanto mais quanto a multiplicação dos protestantes haveria de multiplicar as ocasiões. Vimos que, se a policia local algumas vezes deu mão forte aos elementos cléricos, as autoridades superiores intervieram regularmente para permitir aos protestantes que violassem, sob o Império, a Constituição de D. Pedro I, relativamente às condições de exercício de seus cultos, e posteriormente, sob a República, para assegurar-lhes o benefício do decreto de janeiro de 1890 e da nova Constituição da qual passou a fazer parte. Se os protes-

(23). — Estes artigos foram reunidos, em 1880 em um livro intitulado: *Perguntas respeitadas dirigidas ao sr. ministro da Igreja evangélica, por um neófito da mesma Igreja* (Recife, Typ. do "Correio de Recife"). Frei Celestino se declarou, mais tarde, autor desses artigos nos quais se fazia representar por um prosélito convertido ao péso de algumas libras esterlinas. Esta inominável trapaga provocou as respostas do Rev. Smith, contra quem eram dirigidas, de Kirby e de Boyie. Foi reeditada varias vezes, até mesmo em Lisboa, em 1887, e o que é mais surpreendente: traduzida para o francês, foi publicada em Lille. A esse respeito leiam-se as páginas 215-217, dos *Annaes*, de Themudo Lessa.

(24). — Rodrigues, *Religiões católicas*, pág. 78 e seguintes.

(25). — Carolina Nabuco, *A vida de Joaquim Nabuco* (— 1928), pág. 66-67.

tantes permanecessem como minoria sem importância, não haveria, é certo, maiores dificuldades. Mas com o desenvolvimento do protestantismo, formaram-se logo núcleos, numérica e socialmente importantes, que atraíram líderes liberais de primeira linha, como os Nogueira Paranaguá, no Piauí, e que haveriam de defendê-lo com tôdas as suas forças e em qualquer campo. Dessa forma o protestantismo se tornava também uma força política que não tinha diante de si apenas um cutro vigário legitimamente inquieto e apreensivo pelo destino de sua paróquia, mas tôda a gama de “chefes políticos”, desde os “chefes” da cidade até mesmo os governadores.

Em Pernambuco, onde se defrontaram os Reverendos Ginsburg e Entzminger de um lado, e Frei Celestino com os Salesianos, de outro, o governador encarregado de arbitrar-lhes os direitos foi primeiramente Barbosa Lima, liberal, a quem os protestantes só tiveram que louvar. Seu sucessor, entretanto, Araujo (1897), pertencia ao partido católico e deu apóio à reação anti-protestante que se tornou ainda mais agressiva (26). A polémica jornalística que então se iniciou, entre *A Era Nova*, periódico clerical que acusava especialmente as “Bíblias protestantes”, e a seção livre do *Jornal de Recife*, levou a oposição de ânimos a tal ponto que a 7 de fevereiro de 1898, em São Bento (Pernambuco) um fanático ao tentar apunhalar o missionário Dr. Butler, assassinou Manoel Corrêa Vilela que se interpusera na luta para salvar o seu pastor (27). Era a primeira vítima de uma crise de violências sangrentas que haveria de perdurar por vários anos.

Enquanto os católicos, em Pernambuco, tinham nas mãos a direção política, no Estado do Rio eram os liberais que dominavam. Quando Salomão Ginsburg, naquele mesmo ano, inaugurou o templo batista de Campos, ali estava presente o Vice-Presidente do Estado que o felicitou expressando os seus melhores votos pelo desenvolvimento da obra batista em seu Estado. Pouco depois Ginsburg se batia, em Macaé, contra a oposição do partido clerical que pretendia impedi-lo de realizar reuniões religiosas: o chefe político que então detinha o poder era contrário aos liberais e, com seu apóio, o jornal local propalava as maiores injúrias contra os protestantes. Mas, — e aqui será melhor reproduzir o próprio trecho da *História dos Batistas* (28), — :

“a família distinta de Curindiba de Carvalho ficou interessada no Evangelho. A senhora e duas meninas freqüentavam os cultos e as meninas ficaram apaixonadas pelos hinos que cantavam. O sr. Curindiba não freqüentava os cultos, mas quando soube de um plano dos católicos de perseguir os crentes sempre se apresentava à porta da casa na ocasião das reuniões. Quando chegaram os perseguidores, ele lhes disse: “Os senhores podem en-

(26). — *História dos Batistas*, t. I, pág. 131-132.

(27). — *Anais*, pág. 569.

(28). — T. I, pág. 176-177.

trar, mas lembrem-se que minha senhora e minhas filhas estão aí dentro e não sei o que há de ser se alguma coisa lhes acontecer. Os senhores podem entrar, mas não garanto que saiam com vida!" Não entraram, e um deles que ficou de fora e começou a gritar protestos, caiu logo por terra sem saber quem era o responsável. Começou o sr. Curindiba a frequentar os cultos".

Era de se alegrar, pois, a crer em Ginsburg (29) "o sr. Curindiba era um dos indivíduos perigosos da região, um homem que os chefes políticos usavam para aterrorizar a população, principalmente nos dias de eleições". Mas não era apenas com este *bravo* (como diriam os italianos da Renascença) que Ginsburg contava; também os maçons do lugar intervieram a seu favor "quebrando o nariz e a cabeça dos católicos", como nos informa galhardamente este missionário digno de século XVI (30). Como era de esperar, "em consequência talvez da atitude de alguns amigos dos protestantes", como diz mais pudicamente o Rev. Crabtree (31), o delegado quis interditar as reuniões de Ginsburg. Dirigiu-se então êle ao governador do Estado que ordenou se respeitassem os direitos constitucionais dos protestantes, e Ginsburg celebrou o seu triunfo com uma grande reunião na praça de Macaé (32).

Mas em Pernambuco, a luta continuava agravada ao extremo com os acontecimentos de 1900 em Bom Jardim e Cachoeira. Os primeiros são relatados por Ginsburg (33), com tal franqueza e tão claramente, — como aliás é de todos os seus relatos — que as causas políticas se revelam expressamente:

"Em diversas fazendas daquela região já havia entrado o Evangelho e estava sendo pregado numa das casas de um cidadão, um dos principais da cidade. Como acontece muitas vezes, os convertidos neófitos, cheios de zelo e faltos de prudência, começaram a rir e zombar dos católicos e dos padres. Nada teria acontecido se não fôsse aquêle convertido de influência e alguns interessados fazendeiros que estavam tendo pregação em suas fazendas, pertencentes ao partido político da opposição. O chefe político situacionista resolveu não somente parar a „propaganda e também aos seus antagonistas políticos ensinar uma lição" (34).

e em cumprimento às suas ordens dois bandos armados atacaram, na noite de Páscoa (15 de abril), a casa em que se celebrava o culto protestante, próxima ao teatro da cidade que estava repleto de espectadores, os quais, temendo tratar-se de uma invasão de jagunços, como às vezes acontecia naquela região, fugiram apavorados. No meio desta confusão os dois bandos se fuzilaram um ao outro, havendo várias mortes e muitos feridos (35). Graças a êsse

(29). — *Um judeu errante no Brasil*, pág. 118.

(30). — *Ibidem*, pág. 121.

(31). — *História dos Batistas*, pág. 175.

(32). — *Ibidem*, pág. 177; Ginsburg, *loc. cit.*

(33). — Pág. 134-137.

(34). — Segundo Pedro Tarsier, *História das perseguições*, t. I, pág. 187, o chefe político era o "Senador Estadual" Pe. João Bezerra de Carvalho.

(35). — Ginsburg nos fala de 25 mortos e mais de 100 feridos; a *História dos Batistas*, pág. 137, de "3 mortos e vários feridos".

engano os protestantes conseguiram escapar; mas foram presos e alguns deles, o seu pastor Antônio Marques da Silva, e o "ilustre" que os recebera, Primo Fonseca, permaneceram vários anos na prisão até que Ginsburg viesse cuidar de seu livramento. Aliás, é curioso vê-lo contar-nos como se dirigiu ao chefe político opositor:

"um descendente de portugueses, estabelecido com padaria e ansioso de galgar o poder para desenvolver o seu negócio e ganhar dinheiro. A posição de chefe político no interior do Brasil é bastante remuneradora. Para conseguir livrar os crentes, eu fiz bon. presente aos filhos do chefe político, e bem assim aos do juiz, que era pai de oito filhos. Paguei a hospedagem de todos os lavradores que serviram de jurados no júri... E ainda assim se não fôsse o chefe político, cujo poder sôbre o juiz e os jurados era tamanho que entrava no tribunal e, na presença do próprio juiz abria a urna onde estavam os nomes dos jurados, substitua os daqueles que achava votariam contra êle..., se não fôsse êle, os pobres crentes inocentes teriam sido condenados como homicidas".

Esta empresa custou a Ginsburg, diz-nos êle, quatro anos de esforços e mais de dez contos de réis-curo.

Dois meses após os acontecimentos de Bom Jardim, a 10 de junho, houve o saque e destruição completa das propriedades dos batistas de Cachoeira, e especialmente das do principal dentre êles, o fazendeiro Manoel Holanda Cavalcante, cujos 14 prédios e mais o moinho foram destruídos. Obrigados a abandonar aquela região, a obra evangélica só recomeçou ali em 1924 (36). Relatam-se ainda violências na Bahia, em Rio Salto, contra o pastor José Clodoaldo de Sousa e em Aramarí contra o pastor João Batista (37). E esta triste série continua, em 1901, com a morte do congregacionista José Antônio dos Santos, em Cedro (Pernambuco) (38); com o saque e incêndio da capela batista de Niterói, após a conferência que ali realizara o ex-padre Hipólito de Campos e posteriormente à devastação de um santuário católico (39); em 1902 com as agressões físicas contra os batistas de Nazaré e de Iputinga (Pernambuco) e com a destruição do oratório dos batistas de Atalaia (Alagoas) (40).

Frei Celestino se multiplicava na direção da "Liga contra os protestantes". Em 1902, em Recife, manteve com Ginsburg um grande debate público e, a dar crédito ao que êste missionário nos conta, essa discussão valeu-lhe 39 conversões. Em 1903, promoveu o grande espetáculo da queima pública de Bíblias, à frente da Igreja do convento da Penha, anunciando mais que haveria de conti-

(36). — *História dos Batistas*, t. I, pág. 140-142; Pedro Tarsier, *op. cit.* pág. 188-191.

(37). — *História dos Batistas*, t. I, pág. 158 e 159.

(38). — *Annuaire*, pág. 629.

(39). — *História dos Batistas*, t. I, pág. 272-274. A conferência, d'êste ex-padre havia sido de um anti-catolicismo muito violento.

(40). — *Ibidem*, pág. 222 e 237.

nuar a queimá-las. Esse fato, que causou grande repercussão jornalística, provocou a denúncia da "Liga" na Câmara Federal, pelo deputado Germano Hasslocher. Frei Celestino para salvar as aparências acendeu a sua nova fogueira nos jardins do convento, abertos ao público. Mas o escândalo que havia causado contribuiu para a dissolução da Liga e a paz se restabeleceu, por algum tempo, em Pernambuco e no Norte. Embora algumas vezes vítimas de novas perseguições locais, os protestantes, em princípio, puderam continuar o seu trabalho. Assim aconteceu com um grupo de batistas de Cortes (Pernambuco) que, obrigado a deixar essa localidade em que eram perseguidos, se reorganizaram em Gravatá (41); e nesse mesmo ano de 1904, em Santarém, o pastor Emídio B. Alves conseguiu que as autoridades obrigassem o vigário a retirar-se dali, por ter êle tentado impedir a organização de uma Igreja batista naquela cidade (42). A agitação, entretanto, continuava na zona de Rio-Espírito Santo, verdadeiro feudo de Ginsburg: em 1904 a capela batista de Sapucaia, Estado do Rio, que recentemente se havia erguido foi destruída (43); o Rev. Hipólito de Campos necessitou de proteção policial para, nesse mesmo ano, realizar, em Rio Novo (Espírito Santo), as suas conferências (44); mas já no ano seguinte, em Vitória, o missionário Reno e sua senhora haviam conseguido cansar a oposição a tal ponto que puderam realizar 105 reuniões (45).

Mas o fogo das paixões ainda não estava extinto e durante alguns anos, naquelas mesmas regiões, outras violências haveriam de verificar-se. A região de Pernambuco foi agitada, em 1906, pelo incêndio da capela congregacionalista de Monte Alegre (46) e pelas agressões físicas dos capangas de um chefe político contra os batistas da paróquia que foram obrigados a abandonar aquela vila (47); em 1908, pelo assassinio de um batista de Bom Jardim (48). E a região do Estado do Rio, igualmente: em 1908, os professores do Colégio Anchieta em Nova Friburgo, organizaram tais desordens contra os pregadores batistas que foi necessária a intervenção de um delegado especial com um corpo de 50 soldados (49)

(41). — *História dos Batistas*, t. I, pág. 231.

(42). — *Ibidem*, pág. 205.

(43). — *Ibidem*, pág. 278.

(44). — *Ibidem*, pág. 262.

(45). — *Ibidem*, pág. 265. Na página 267, encontra-se, contada com muita verve, a cômica história de um sírio que queria impedir um pastor batista de pregar em Dorcas de Macabú (Estado do Rio): "Se senhor que vir aqui b'ra compra e vendi, nos está bronto recebe senhor. Mas b'ra bregar religião brodestante, misseria de besta e de brega, o senhor não bode. Meu bóvo que tá qui não é cathólico romano? O senhor não sorri, não! Brodestante pensa que este bóvo é burro. É verdade que tem alguns burros, mais não tudo". Ao que o pastor respondeu, naturalmente, que êle era brasileiro e que os estrangeiros deveriam manter-se tranqüilos; e que, como brasileiro, protestava contra aquella declaração de que havia asnos na população.

(46). — *Esboço Histórico*, pág. 300.

(47). — *História dos Batistas*, t. I, pág. 233.

(48). — Pedro Tarsier, t. II, pág. 10 e 37.

(49). — *História dos Batistas*, t. II, pág. 79-80; Pedro Tarsier, *op. cit.*, t. II, pág. 80.

para restabelecer a calma. Diz-se que estes perturbadores da ordem procuraram sublevar os italianos daquela cidade, acusando os batistas de serem hostis aos estrangeiros, e aqui está um novo testemunho da nacionalização, já definitiva, do "corpo" protestante e de seus sentimentos nacionalistas contra os emigrantes católicos (de que já vimos um exemplo na nota da página precedente). No ano seguinte, a capela batista de Santa Rita foi saqueada e na fogueira que se ergueu com os seus móveis incendiados, queimaram-se também as suas Bíblias (50).

A partir de então, as obras de que nos servimos não se referem mais a outras violências até à nova crise de fanatismo político-religioso que se verificou nos Estados do Nordeste entre 1921 e 1924. Em seu início, ao menos, não revelou a mesma gravidade das crises precedentes, limitando-se a algazarras e desordens provocadas pelos vigários de Alagoas, os de Limosira de Anadia, de Lage do Canhoto, de Rio Largo, de Porto de Pedras, de Maceió, de Atalaia e de São Miguel dos Milagres, a fim de impedir a propaganda dos pregadores batistas extremamente ativos, o missionário Mein e o pastor Adrião Bernardes (51). Por outro lado, em 1924, todo o sul do Piauí, e especialmente a cidade de Corrente, foi vítima das devastações dos bandos de cangaceiros que se diziam seguidores do Pe. Cícero e que se atiraram particularmente às propriedades dos batistas a começar pelas de seus chefes, os Nogueira Paranaguá (52). Este episódio dos últimos anos da vida do agitador de Joazeiro, que me parece desconhecido de seus historiadores (e eu me refiro sobretudo a Lourenço Filho, em sua obra *Joazeiro do Padre Cícero*) é uma manifestação evidente da inquietação político-social desses tempos, sem significação propriamente religiosa que mereça nossa atenção. Todavia, trata-se de um episódio curioso e o estudo pormenorizado destes acontecimentos seria uma contribuição valiosa para a melhor compreensão das guerras do século XVI.

Um balanço exato desta prova de fogo por que passou o protestantismo brasileiro, durante cerca de trinta anos, exigiria a pesquisa de documentos oficiais, especialmente os da polícia, conforme dissemos em nossa bibliografia. Mas o simples exame dos fatos, tais como nos são eles relatados pelas vítimas, permite algumas conclusões, sem prejuízo de outras que porventura possam ser alcançadas (53). As perseguições mais importantes e aquelas que

(50). — História dos Batistas, t. II, pág. 66.

(51). — Mein, História dos Batistas de Alagoas, pág. 40-51 e seguintes, 67-76.

(52). — História dos Batistas, t. II, pág. 141; Pedro Tarsier, op. cit., t. II, pág. 79-80.

(53). — Emílio Willems, em sua monografia sobre Cunha, conta que o pastor De Figueira foi expulso a pedradas desta localidade, no início do nosso século, quando pretendia apresentar àquela população um metodista que já se havia relacionado solidamente naquele município, especialmente em Jericó. Nessa monografia, na nota seguinte (pág. 187) fala-se com muita complacência, apesar das reservas públicas, das "medidas descaridasas" tomadas contra um pastor pelo vigário francês de Mazagão (território de Amambá), por sugestão do Pe. João Maria De Lombaerde.

por uma ou outra circunstância lhes pareceram originais e significativas, não escaparam à pena destes autores tão preocupados com elas.

E observemos mais, de início, que a responsabilidade da alta hierarquia católica nunca se viu implicada nestas narrações — com exceção apenas da que o Rev. Mesquita, autor do t. II da *História dos Batistas*, faz do assassinio de Bom Jardim (1908) que nos é ali apresentado como consequência de questões “às quais não era estranho o bispo ou o vigário de Bom Jardim”. Outra alternativa que nos causa surpresa, embora a nota que a legitime (em que?) também nos surpreenda: “Um amigo nos informa que nunca houve bispo em Bom Jardim, mas as notícias daquele tempo parecem não abrigar dúvidas a esse respeito”. A *História das Perseguições religiosas* de Pedro Tarsier só se refere aos “inimigos da fé”. Esta dificuldade, aliás, é um exemplo da necessidade de serem revistas tôdas essas histórias. Quanto àquela ocorrência, a própria data é incerta: para Mesquita o assassinio aconteceu em 6 de janeiro de 1908, e para Tarsier, em fins de dezembro; nenhum deles nos dá o nome exato da vítima e a referência ao *Jornal Batista*, que foi a única fonte de que se serviram, não é sequer completa.

Em segundo lugar, tratava-se de episódios locais, esporádicos sem qualquer ligação que nos permitisse supor um plano geral pré-estabelecido. Episódios, aliás, provocados por personalidades isoladas, muitas vezes estrangeiros, como Frei Celestino de Padovali, em resposta a personalidades protestantes caracteristicamente agressivas em suas prédicas: já vimos que o Rev. Crabtree, ao felicitar os batistas do Estado de São Paulo por se haverem mantido livres de tais perseguições, apresenta o Rev. Bagby como a razão principal dessa circunstância; era ele um missionário que não dava pretextos, como outros propagandistas “dramáticos” cujos nomes ele mesmo transcreve na sua *História dos Batistas*.

Enfim, já vimos a importância das questões políticas e o sentido destas violências quase guerreiras, comuns a esse tempo nas lutas do sertão, dentro de cada um destes trágicos acontecimentos que assumiram o caráter de lutas religiosas, e que só podem ser apreciados comparando-se a outros episódios semelhantes de que se fartam as biografias de religiosos e padres católicos do Brasil. “Na cidade selvagem, onde campeavam, indômitos, jagunços de todos os matizes, todos ao lado do chefe municipal, cesaróide que dirigia a bico de faca, balas e coronhadas”, são as palavras com que se lamenta um dos religiosos do Pe. Júlio Maria De Lombaerde, da oposição feita a seu superior pelo prefeito de Manhumirim (54). Mas, se mesmo assim, aquelas ocorrências parecerem casos especiais, leia-se Frei Joseph M. Audrin que nos conta a bela vida de Dom Dominique Carrérot, o primeiro prelado de Conceição do

(54). — Pe. Antonio Miranda, Pe. Júlio Maria. Sua vida, sua missão, Manhumirim, 1946.

Araguaia e o primeiro bispo de Pôrto Nacional, e então se verá que de iguais violências e massacres foram vítimas as Igrejas católicas e os padres, sem que nelas existisse qualquer participação protestante (55).

Recordações tristes de um passado distante, das quais é preciso falar com espírito compreensivo como assim nos convida o livro de Joseph Audrin. E é esta compreensão mesma, quase que simpatia por alguns dos próprios perseguidores, que nos inspira a leitura destas páginas sombrias da história protestante no Brasil. Páginas em que abundam os "bons ladrões", homens que contratados para a sevícia de um propagandista, ou mesmo para assassiná-lo, querem antes ouvi-lo para conhecê-lo e uma vez tocados pela sua prédica, renunciam à sua missão e freqüentes vêzes se tornam um de seus fiéis. Há duas histórias comoventes na vida do Pe. Conceição. Havia-se encarregado a um capanga do seu assassinio após a sua prédica, numa paróquia de Minas: e, êste capanga

"Entrando na sala armado de cacete, encostou-se à parede, com chapéu na cabeça e ar ameaçador, esperando o fim do sermão para cumprir a missão de que o encarregaram. Distraidamente ouviu algumas frases piedosas que lhe desafiaram a atenção; daí a pouco viram-no tirar o chapéu da cabeça; momentos depois seu ar denotava sincera comoção, e quando o Rev. Conceição concluiu a sua-prática, aquêle que pouco antes estava disposto a fazer-lhe mal, prostrou-se deante dêle pedindo perdão das más intenções que trouxera..."

"Em Pindamonhangaba um potentado do lugar que fôra assistir à sua prédica com o firme intento de desfeitoá-lo de tal modo se enteneceu ao ouvir a explicação da parábola do Filho Pródigo, — pois chorava a ausência de um filho querido, que muitos desgostos lhe causara, — que indo ter com o eloqüente pastor, convidou-o para sua casa, oferecendo-lhe uma quantia todas as vêzes que fizesse suas práticas religiosas e o prevenisse para que viesse ouvi-las" (56).

Na *História dos Batistas* (57) encontramos outro episódio semelhante. Era um homem de boa índole — mas, resolveu que haveria de matar o pastor batista, Rev. Lessa, quando êle, em Rio Preto (Estado do Rio) celebrava vários batismos. "Levava na mão um grosso cacete e durante o batismo ficou de cóccras sôbre uma pedra a uns dois metros do pastor Lessa, observando-o como se estivesse hipnotizado"; e na visita seguinte do pastor àquêle lugar, êle fêz a sua profissão de fé. Salomão Ginsburg (58) teve, pelo menos, três conversões idénticas a estas que relatamos: uma delas foi a de um gigante de Recife, matador assaetado de um

(55). — Entre sertanejos e indios do Norte. O Bispo-missionário Dom Domingos Carrérot, O. P. (Rio, 1946).

(56). — Texto do Major Fausto de Souza, citado por Doanerges Ribeiro, op. cit., pág. 203.

(57). — T. I, pág. 265.

(58). — Um Judeu errante no Brasil, pág. 60-65, 130-131, 149-156.

chefe político, que se tornou o guarda costas dos missionários antes de ser sentenciado pelos crimes que cometera e de morrer piedosamente; outra, a de um matador pouco firme que procurou na bebida a coragem que lhe faltava; dormindo, perdeu aquela ocasião, e, convertendo-se, tornou-se um agente de polícia que serviu, igualmente, de anjo da guarda de Ginsburg; e finalmente a de um chefe de bando do Norte de Pernambuco, de excelente família e grande proprietário e que assim se tornara, vítima das lutas de partidos e após o massacre de sua família. Era Antônio Silvino, tão famoso quanto querido do povo. Tendo-lhe faltado a ocasião de matar o missionário na estrada em que o esperava foi esperá-lo em casa do chefe político da cidade, cuindo-o pregar o evangelho. A descrição é impressionante: "Chegando à porta do sãlo, eu vi aquêlê bandido sôbre o sofá, de cabeça inclinada; o chefe político estava pálido e tremia; sua espôsa e irmã, de mãos cerradas, choravam". Silvino então declarou que, na verdade, não poderia matar a um homem que dissera coisa tão bela, tornando-se, a partir de então, o defensor do protestantismo naquêlê região; e quando foi aprisionado, passava as horas de seu cárcere lendo a Bíblia a seus companheiros. Os leitores de *Bandeirantes da Fé* já conhecem o episódio comovente do criminoso mineiro de boa índole que fôra encarregado de matar aquela pequena evangelista (a própria autora dessa obra, d. Maria de Melo Chaves). Ouviu-a pregar, com o chapêu enterrado até os olhos e a carabina escondida sob a capa, em pleno verão, — tal como o "bandido" provençal, — tomou-lhe das mãos um folheto que distribuia, montou de novo em seu grande cavalo, e desapareceu no matc, onde morreu algum tempo depois com aquêlê texto evangélico nas mãos e arrependendo-se de seus crimes (59).

Não é sômente pelo prazer de um exotismo, hoje arqueológico, que estas histórias nos despertam tanto interésse e encantamento, mas pêto que elas nos ensinam relativamente ao sucesso da propaganda protestante e ao fracaso da defensiva católica — sem falar de sua contribuição para os estudos da mentalidade dêstes homens que também existiram na Europa de outros tempos. Inteligente e intelectualista (o que se pode ser sem ser intelectual), com necessidades espirituais mal satisfeitas, o povo brasileiro era extremamente sensível à argumentação e à controvérsia, especialmente quando, como era de côstume, se apelasse para a sua inteligência

(59). — Em seu livro encontram-se também histórias divertidas de falsos bandidos, de fiéis que se escondiam atrás de uma moita, à margem da estrada, deixando aparecer o seu fuzil para meter um pouco de medo em seus missionários, ou de um portageiro cujo aspecto terrível fêz o jovem pastor acreditar que a sua hora havia chegado, primeiro quando o viu na passagem, e depois quando percebeu que ele estava à porta do templo, sombrio, ouvindo o seu sermão. Terminada a cerimônia reconheceu no portageiro o mais piedoso e bonachão dos "irmãos" batistas da localidade.

(60). A argumentação e a controvérsia haviam sido a força do protestantismo do século XVI; e ainda recentemente criaram-se várias comunidades protestantes, na Itália, após os debates de várias horas entre um ou outro propagandista e o vigário (ou bispo) através dos quais uma parte da população concluiu pela vitória dos primeiros. Aconteceu assim também na história do Brasil, e o clero católico também aqui cometeu as mesmas faltas e experimentou as mesmas derrotas dos controversistas católicos do século XVI que, abandonando o recurso da violência, entregaram-se à controvérsia.

Os polemistas católicos do tempo da Reforma, em sua maioria, procuraram na violência inaudita de suas atitudes esconder a falta de preparação absoluta à sua missão. Aceitando a discussão com os Reformadores e com os Reformados, permitiam a imposição da Bíblia e só da Bíblia como base única de argumentação; e assim fazendo colocavam-se em terreno que lhes era menos conhecido que de seus adversários, em face de textos dos quais lhes era extremamente difícil explicar as instituições e os dogmas católicos sem recorrer aos séculos e à Igreja, e mesmo à Tradição, sobre o que haviam concordado não constituir elemento de discussão. A mesma falta de habilidade repetiu-se, surpreendentemente, nos controversistas católicos brasileiros do último século. Aceitando como base única de discussão a Bíblia, limitavam-se a pretender demonstrar que as Bíblias protestantes eram "falsas", ou "falsificadas". Mas os brasileiros protestantes do século XIX, tal como os Reformadores europeus do século XVI, tinham a seu favor as próprias regras daquele jogo: dispensando a ciência e o exemplo do general Abreu e Lima, e bem assim a leitura de seu famoso estudo sobre as Bíblias protestantes, continuavam a discussão servindo-se de uma Bíblia católica e fazendo transparecer a inteira concordância das duas versões, postos de lado os livros apócrifos constantes da Bíblia católica, e um pequeno número de diferenças de tradução, apenas. Limitada a esta agitação em torno de "Bíblias falsificadas" e a algumas fogueiras em que elas escandalosamente eram queimadas, a controvérsia se mostrou tão inútil como os atos de violência. Assim, tal como o assassinio da vila de S. Bento provocou por reação, a conversão de Constâncio Omega e de alguns Salesianos de Recife,

(60). — Este poder de argumentação se revela nas descrições de conversões após discussão, "Bíblias à mão", que se encontram em *Bandeirantes da Fé*. Revela-se também na descrição que a *História dos Batistas* (t. I, pág. 145 e seguintes) faz da conversão de Egidio Pereira de Almeida, um ilustre da Bahia, morto em 1688, capitão da guarda nacional e membro do Serviço de Proteção aos Índios. Havendo o seu irmão se tornado adepto de um pastor batista, foi ter com ele no interior do Estado, a fim de livrá-lo do seu erro. Discutiu longamente com ele e, enraivecido pelo seu fracasso, voltava procurando acalmar-se bebendo em cada regato por que passava (13 vezes, numa viagem de 20 léguas, conta-nos ele). Mas os argumentos de seu irmão o perseguiram e retomando a sua Bíblia católica pôs-se a estudá-la, acompanhando o passo de seu cavalo. Ao fim dessa viagem, já havia aceito a nova fé. Era tal a sua alegria que os de sua casa acreditaram ter sido ele vítima de insolação. Fizeram-no ingerir óleo de ricino e cortaram-lhe os cabelos, ao que se submeteu com uma extraordinária docilidade cristã.

a controvérsia entre Frei Celestino e Ginsburg trouxe vários adeptos para o protestantismo.

Estas polémicas, aliás, tal como as crises de violências, não passavam de iniciativas privadas, isoladas e sem repercussão futura. O avanço do protestantismo não provocou, a bem dizer, quase que nenhuma reação positiva da Igreja. Na mais das vezes as coisas se passaram como nos conta o Franciscano alemão da paróquia de Campo Formoso (Bahia), relativamente àquela localidade de cuja direção espiritual fôra encarregado em 1937 (61). Nesta imensa paróquia de 200 kls. de diâmetro e de 30.000 almas, apenas uns 5.000 fiéis da zona principal recebiam assistência religiosa; as capelas do campo não recebiam mais do que uma ou duas visitas por ano, inteiramente tomadas por batismos e casamentos; e as populações mais distantes estavam completamente abandonadas. Toda a paróquia estava na mais profunda ignorância religiosa. O vigário não poderia tentar reagir a essa situação sem uma reforma radical dos métodos do ministério. Mas, o que era preciso? A população era católica, dizia-se. Que mais se havia de pedir. "E eis que um dia o vento da tempestade soprou neste asilo de paz. Muitos, e precisamente aqueles que passavam por bons católicos, se reuniram aos heréticos e o mais extraordinário da história é que dentre eles se viam as primeiras famílias, consideradas as mais ativas e as mais progressistas (62). Como explicar? Sacudindo a cabeça e ficando por lá..." Era esta a situação, quarenta anos após a chegada dos protestantes, quando os Franciscanos alemães foram encarregados daquela paróquia (63).

(*Continua no próximo número*)

ÉMILE-G. LÉONARD.

Antigo professor de História da Civilização Moderna e Contemporânea na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (U.S.P.), Diretor de estudos na Escola de Altos-Estudos — Ciências Religiosas (Paris).

(61). — Frei Benitius Ochmann, *Wie erhalten wird der nordbrasilianischen Landbevölkerung die katolische Religion*, in *Revista da Província Franciscana da Bahia, Santo Antônio*, XVIII-XIX, 1940-1941, pág. 89-97.

(62). — Outras minúcias sobre este assunto podem ser encontradas no segundo relatório publicado a respeito dessa paróquia (*Santo Antônio*, XVI ano, Bahia 1938, pág. 173-177). Os primeiros núcleos de protestantismo nesse município foram as famílias Regis, de Salitre, e Galvão. O crédito social e político de que destrutavam garantiu-lhes a difusão: "diz-se, abertamente, em toda a parte que o templo foi construído com dinheiro da municipalidade". A grande seca de 1930-1934 contribuiu para a sua propaganda com a mudança dos Regis, de Salitre para a capital. Durante muito tempo não existira ali sacerdotes, e quando um deles ali se radicou, já era velho, doente, e quase sempre ausente. Na capital havia, em 1938, 10% de protestantes, isto é, 4 para 50, cifra que corresponde mais ou menos aos 91 membros professos, segundo os dados do *Diretório Protestante*, do Pe. Rossi.

(63). — Nesse primeiro relatório fala-se mais do estado material lamentável dessa paróquia.